



H. Lucas

depoimentos de militares  
portugueses

CONTRA A GUERRA COLONIAL

325.3  
"1960-1974"  
CON



7FN-489



325.3 "1960-1974" con



## I N T R O D U Ç Ã O

1- As forças e correntes democráticas da Oposição reunidas na Frente Patriótica de Libertação Nacional desde há muito reconhecem, sem equívocos nem tergiversões, o direito à auto-determinação e à imediata independência dos povos sob dominação portuguesa. Para a grande maioria do Povo Português, como para a F.P.L.N., a conquista da independência pelos povos sob dominação colonial portuguesa, é uma condição indispensável para a conquista da verdadeira independência pelo próprio povo português. A luta contra as guerras coloniais, contra a opressão colonialista são também parte integrante da luta de libertação do Povo Português.

2- Tal como o Povo Português no seu conjunto, muitos soldados e oficiais das unidades militares coloniais portuguesas dejesam ardentemente a cessação dos combates e o regresso a Portugal das forças expedicionárias e o reconhecimento do direito à auto-determinação e à imediata independência dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.

Em Portugal, milhares e milhares de jovens recusam-se a prestar o serviço militar ou desertam das forças armadas colonialistas.

Em Goa, em Dezembro de 1961, três mil soldados impuseram ao alto comando a rendição das forças colonialistas perante o exército indiano, em aberta desobediência às ordens expressas do governo de Salazar.

Em Angola, na Guiné dita "portuguesa", e agora também em Moçambique, soldados, sargentos e oficiais preferem desertar a participar nas guerras colonialistas.

Os desertores portugueses rebelando-se contra a opressão colonialista e o seu cortejo de violências e contribuindo para desarticular a máquina de guerra colonial, manifestam claramente a sua compreensão de que a política colonialista, como apego ganancioso à terra alheia, não tem a mínima correspondência com os interesses do Povo Português. À justa indignação perante a barbaridade colonialista alia-se, no espírito destes patriotas, o entendimento de que as guerras coloniais se opõem directamente aos interesses do Povo Português. Nestas circunstâncias, será difícil dizer se aqueles que ainda não possuíam uma formação democrática se tornaram anti-colonialistas como resultado da sua tomada de consciência anti-fascista ou se se tornaram anti-fascistas por terem adquiri-



do uma consciência anti-colonialista.

Os desertores portugueses personificam, assim, a compreensão viva da aliança natural existente entre a luta anti-fascista e a luta anti-colonialista.

3- A deserção da juventude portuguesa das forças armadas colonialistas põe na ordem do dia o problema da intensificação da cooperação prática entre os anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses e os movimentos de libertação de Angola, Guiné e Moçambique. Graças à pronta solidariedade das organizações nacionalistas de Angola, Guiné e Moçambique, e à coragem de militantes seus, que não poucas vezes têm arriscado a vida no apoio a desertores portugueses no proprio teatro da guerra colonial, muitas das dificuldades e problemas que a deserção levanta, têm podido ser vencidos. Muitos povos africanos, como os povos da Argélia, da Guiné, da Tanzânia, do Congo Brazzaville, e ainda outros, já demonstraram na prática, em diversas ocasiões, uma justa compreensão do sentido progressivo anti-fascista e anti-colonialista da posição dos desertores portugueses. Entretanto, muito há ainda a fazer para favorecer e incentivar este patriótico movimento de deserção de militares portugueses para aproveitar inteiramente as largas possibilidades de acção contra a máquina de guerra colonial do governo de Salazar que hoje se oferecem a uma cooperação prática entre o movimento anti-fascista e anti-colonialista português e o movimento nacional libertador dos povos de Angola, Guiné e Moçambique. Os resultados já alcançados, os laços fraternos que hoje unem a FPLM aos movimentos nacionalistas das colónias portuguesas, que distinguem claramente o Povo Português dos opressores colonialistas portugueses, o desenvolvimento multiforme de uma efectiva solidariedade da parte do movimento anti-fascista e anti-colonialista mundial, permitem ter fundadas esperanças em êxitos mais importantes ainda num futuro imediato.

4- Alguma coisa deve ser dita, para terminar, sobre os depoimentos dos desertores portugueses reunidos nesta publicação.

Muitos e muitos desertores das unidades coloniais portuguesas, que hoje se encontram na Argélia, em França, na Suíça, na República Federal Alemã, na República Democrática Alemã, na Itália, na Bélgica, em Marrocos, no Brasil e em diversos outros países, enviaram à Junta Revolucionária Portuguesa os seus depoimentos. Ressalta, com grande clareza, a diferença de níveis políticos e literários destes depoimentos. E bem se compreende porquê. Entre os autores dos depoimentos agora publicados contam-se soldados e oficiais, uns de carreira e outros milicianos, ou em cumprimento do serviço militar obrigatório, cuja di-



versidade de formação atesta, precisamente, a extensão da consciência anti-colonialista a todos os extractos progressivos da população portuguesa. Os desertores portugueses ilustram bem a amplitude já alcançada pela acção anti-colonialista do Povo Português.

A JUNTA REVOLUCIONÁRIA PORTUGUESA







M a n u e l      A L E G R E

Alferes miliciano de Infantaria

A N G O L A

o      o      o

Angola é uma experiência demasiado dolorosa. Mais do que experiência. Mais do que símbolo. Para quem lá esteve, para quem lá viu matar e morrer, Angola é qualquer coisa que se traz na pele: como uma ferida. Como a própria revolta.

Como falar da guerra de Angola, essa guerra que destroi os homens ou que neles deixa uma cicatriz inapagável?

Como falar dessa batalha que um homem trava consigo mesmo para continuar a ser homem?

Como contar-vos, por exemplo, que um dia, na curva de uma picada no meio do mato, eu vi um negro crucificado?

Esse negro era Angola. Dentro de mim, Angola é esse negro crucificado.

Como dizer-vos, por exemplo, que dois ou três dias após a minha chegada a Luanda, um soldado português, um jovem que em Portugal teria sido possivelmente um homem justo e simples, me contou, com o ar mais natural deste mundo, que havia cortado, com o seu punhal, a vagina de uma rapariga angolana?

Dentro de mim, Angola é essa rapariga violada pelo punhal de um jovem que um governo criminoso transformou num assassino.

Como contar-vos que um dos meus melhores amigos, o Alferes miliciano Manuel Ortigão, alguns dias depois de me ter falado da sua revolta e da sua disposição de fazer a guerra à guerra, morria, perto de Zala, despedaçado por uma mina?

Dentro de mim, Angola é Manuel Ortigão, esse jovem que amava a liberdade e que reconhecia ao Povo Angolano o direito à Liberdade e à Independência.

Dentro de mim, Angola é Manuel Ortigão, o meu amigo morto nessa guerra que ele próprio denunciava e combatia.

Como contar-vos que tive de ouvir calado, cerrando os dentes e torcendo as mãos com raiva e desespero, alguns oficiais fascistas contando as suas proezas?



O Alferes Machado Querido, que tinha "um método especial" de interrogar os prisioneiros: enterrando-lhes o sabre na cabeça, devagarinho...

O Alferes Linhares, mais tarde condecorado, que experimentava a sua forma física tentando cortar de um só golpe a cabeça do prisioneiro.

Dentro de mim, Angola é uma cabeça cortada nas mãos cheias de sangue de um centurião de Salazar.

E que dizer-vos sobre o "Rodas-Baixas", o apontador de metralhadora que na hora de partir para operações se escondia de baixo da cama, a tremer de medo? E que depois, em pleno combate, agarrado à metralhadora, perisca ao canto da boca, chalaceava:

"Estas co' a tosse? Espera lá que já te dou saridon."

Dentro de mim, Angola é esse soldado que instintivamente sabia que aquela guerra não era a sua guerra, que tinha medo e a quem o próprio medo dava uma estranha força: a força de quem luta pela vida.

Como falar-vos, por exemplo, dessa voz que depois de alguns minutos de tiroteio nos gritava de cima do morro:

"Soldado português: nos não ti quer matá. Mas si tu não ti vái emboia nós ti mata. Vai no tua terra, soldado português." - ?

Dentro de mim, Angola é essa voz. A voz de um povo revoltado explicando a um soldado estrangeiro que aquela terra não era a sua terra, que aquela guerra não era a sua guerra.

Como falar-vos daqueles dois pelotões que em Zala se recusaram a combater? Do Capitão Correia vociferando, ameaçando de pistola apontada contra os seus próprios homens? Daquele soldado que caiu, atingido na cabeça por um tiro disparado pelo capitão Correia, o fascista? Daquela voz que, fria como o gelo, avisou:

"Ou o meu capitão arrecada a pistola ou é um homem morto."

Dentro de mim, Angola é essa voz, esses sessenta soldados, esses sessenta jovens do meu Povo, que no meio da guerra, disseram não à guerra.

Como falar-vos daquele dia em que recebi um jornal clandestino vindo de Lisboa? Como dizer-vos o que senti, ao ler que milhares de operários e estudantes, nas ruas de Lisboa, tinham gritado: Paz em Angola? Que companhias se recusaram a partir. Que havia manifestações de protesto à partida dos soldados. Que nos quartéis apareciam tarjetas e inscrições anti-colonialistas. Como dizer-vos o que senti?

Dentro de mim, nesse momento, Angola era a presença do meu povo, da



queles milhares de trabalhadores e estudantes que na Pátria distante gritavam:  
Paz em Angola!

Como falar-vos dessa noite em que um amigo apareceu e disse:

"Onde quer que se encontre, até mesmo no meio de uma guerra como esta, um combatente revolucionário pode sempre fazer qualquer coisa."

Como falar-vos dessa sensação de alegria e de dever cumprido quando, mais tarde, uma circular emanada do Quartel General avisava os comandantes do aparecimento das primeiras Juntas de Acção Patriótica nas Forças Armadas?

E como falar-vos, finalmente, dos seis meses que passei na prisão de S. Paulo em Luanda, depois do tenente Metzner ter denunciado à PIDE a revolta que se estava organizando e na qual participavam inumeros militares portugueses? Como falar-vos desse tempo em que dia e noite se ouviam, incessantes, desesperados, os gritos dos prisioneiros torturados?

Dentro de mim, Angola é um preso torturado que grita na noite. E Luan-dino Vieira na cela ao lado da minha, no seu posto de angolano, no seu posto de combate, estudando, escrevendo, atirando para dentro da minha cela a mensagem de fraternidade:

"Coragem, companheiro. A nossa causa é comum. Tu não estás só. Os nossos povos vencerão. Viva Angola Livre! Viva Portugal Livre!"

o o o



José Fernando AMORIM

Primeiro Cabo de Artilharia

GUINE

Sou natural de Favaíos, distrito de Vila Real de Trás-os-Montes, onde vivi miseravelmente até à data da minha deserção.

Assentei praça no Quartel de Infantaria 8 de Braga - onde acabei por fazer a minha recruta - sendo daí transferido para o Quartel de Artilharia Pesada 2. Com a minha especialidade tirada fui mobilizado para as colónias, para lutar contra as pessoas que querem a paz, o socêgo e a sua liberdade. Eu fui mobilizado para a colónia da Guiné.

Chegado ali no dia 13 de Maio de 1964, fui-me juntar a milhares de irmãos que andam lutando ao mal entendido, arriscando-se a uma triste morte.

Estive dez meses nesta colónia da Guiné, onde assisti aos mais rudes combates que lá se estão travando; vi morrerem muitos irmãos meus, sem que nada pudesse fazer por eles; vi ficar o seu sangue, a sua carne espalhada no meio daquelas fortes matas, à espera que viesse um bicho e se aproveitasse dela para encher a barriga.

Eu também passei os meus sacrifícios; também estive noites inteiras debaixo de fogo sem quasi poder respirar; apenas se ouviam os ecos das bombas e dos tiros, e de vez em quando um gemido de algum camarada que tinha tido a infelicidade de ser atingido. Também cheguei a estar nove horas dentro de uma bolanha (pequeno pantano) com a agua pelo pescoço, sem que de lá pudesse sair; o resto da companhia - mais 170 homens - teve a mesma sorte. Mas outros tiveram-na pior porque não regressaram ao Quartel e ali findaram os seus trabalhos.

Assisti à triste morte de seis colegas, quando vinhamos de regresso ao Quartel. Nas viaturas, vinhamos todos satisfeitos, por nesse dia não termos tido barulho - mal sabendo que esse ia ser o dia de mais infelicidade dos que eu conheci em todo o tempo que estive na Guiné. Foi na zona de Fulacunda, a cerca de 18 quilómetros do Quartel, que rebentou uma mina causando seis mortos e nove feridos; voou tudo pelos ares, o que nos levou a andar à procura de pernas e braços que infelizmente tinham sido arrancados pela explosão. Foi no dia 27 de



de Agosto de 1964, e jamais esquecerei que estes infelizes puzeram fim à sua vida por causa do ditador Salazar não dár a liberdade e o socego a quem anda lutando por eles.

Foi ai que o meu odio começou, ao ver que não era justo derramar-se tanto sangue numa guerra injusta. Todos nós sabemos que os nacionalistas estão nas terras deles, por isso não é justa a guerra que se está a praticar nas colónias portuguesas.

Passei duas noites sem dormir a pensar numa operação que fomos fazer na zona de S. João, onde os bombardeamentos da aviação destruíram diversas casas, ficando lá dentro mulheres e crianças no meio das chamas, pedindo socorro, para que as salvassem. Eu regresssei ao quartel cheio de horror pelo que tinha visto, pelos colegas que tinham sido feridos nos ataques que tivemos nesses três dias de operações.

De ai em diante pensei na minha deserção, em fugir, deixar a paz a quem esta lutando por ela. Juntei-me a mais dois colegas que tambem pensavam como eu, combinâmos o dia da nossa deserção e assim, em 21 de Março de 1965, demos por terminada a nossa missão na colónia da Guiné.

Fugimos a corta mato, sem sabermos para onde nos dirigirmos, mas felizmente, a poucos quilómetros do quartel, fomos acolhidos por tropas nacionalistas, que nos receberam com uita alegria. Mulheres, crianças e até homens choravam de alegria, tratavam-nos com mil carinhos, procurando ser o mais agradável possível para conosco.

Hoje encontro-me na Argélia. Vim juntar-me a diversos camaradas que tambem fizeram o mesmo que eu, que tambem abandonaram a violencia e o horror do fascismo português.

Irmãos soldados do Exército colonialista português: deixem a paz a quem a quer, deixem as terras a quem elas pertencem - a nossa terra é Portugal.

Lutem por Portugal, lutem contra o fascismo português, lutem contra o regime de Salazar, o assassino da Juventude Portuguesa!

Lutem pelos nossos irmãos que se encontram nas cadeias de Portugal, presos pela PIDE!

Fujam, venham juntar-se a nós, porque todos unidos venceremos!

Abaixo o fascismo!

Abaixo o colonialismo!



José ERVEDOSA

Major Piloto Aviador

ANGOLA

Fevereiro de 1963. O avião descolou de Luanda, Angola, e pôz no plano de vôo a indicação OPS.MIL. - operações militares.

O Objectivo é Banza-Muquiama. Uma sanzala igual às outras, no norte do Congo angolano. Tenho na mão o esquema recente das cubatas. A aldeia ocupa uma posição a montante da estrada e tem desasseis palhotas ao todo. O oficial de operações disse-nos que está desabitada durante o dia. Faz contudo parte de um conjunto de povoações a destruir num esquema de guerra económica naquela zona de duvidosa submissão.

São 11 H 24. Descolei à noventa e dois minutos. Faltam 8 para o meu ETA.

Dou uma olhadela rotineira aos instrumentos. Gastei 180 galões de gasolina. Restam-me, portanto, cinco horas de vôo. Temperaturas? OK. Rotações, pressões, rumo, altitude? OK, OK, OK, OK.

Verifico os circuitos de armamento. Metralhadoras? OK. Bombas? OK.

São cinco mil balas de calibre .22 e 1.500 libras de napalm.

750 sob cada asa.

Rotina.

A frente, a linha barrenta da estrada corta o verde igual do mato nor-tenho.

"Veja a estibordo", digo ao co-piloto.

"OK, meu major", e alguns instantes depois, "Está ali adiante."

Olho para o seu dedo e vejo uma mancha de habitações, em tudo igual a tantas outras sobre as quais tenho voado.

Pego no avião. Mistura. Rotações. Potencia. Levo-o para 2.000 pés acima do solo. A sanzala está agora ligeiramente à minha esquerda. Vôo paralelo à estrada. Tenho a aldeia pelo través.

"NAP numero um."

O co-piloto liga os contactos. "Pronta".



...Olho para bombordo tentando ver de perto o primeiro fumareu. E uma barreira de fumo e de fogo.

Ao passar-lhe à beira, o avião estremece com a turbulência da fogueira. O instante a seguir.

O instante a seguir são dois corpos caídos. Uma mulher e uma criança de mão dada, pernas mergulhadas no napalm a arder.

Uma mulher e uma criança.

o o o o o o o o o

A Base Aerea 6 situa-se à beira do Montijo, uma povoação na margem sul do Tejo, quasi em frente de Lisboa. Tendo pertencido à antiga Aviação Naval, destina-se à luta anti-submarina, nos quadros da OTAN. foi para ali que me destinaram, ainda segundo-tenente de marinha, com as asas de piloto recém-postas no peito. Foi ali também que, uma vez extinto o quadro de pilotos aeronavais, passei para a Força Aérea Portuguesa, como capitão-piloto-aviador.

Levava naquele dia 16 de Abril de 1961, uma guia-de-marcha na mão, que me fora passada no Instituto de Altos Estudos Militares, onde me haviam interrompido o curso de promoção a oficial superior.

Era uma guia muito especial, aquela: se bem que tivesse como destino a B.A.6, eu sabia que na realidade escondia paragens mais distantes.

Os acontecimentos dos ultimos dias eram uma "rampa de climax" na qual o papel que eu tinha na mão representava um, mas um só dos degraus.

Em 16 de Março - precisamente um mês antes - tinha eclodido a revolução nacionalista no norte de Angola.

(...) Longe das realidades coloniais, deformados por uma preparação unilateral e mistificante, acreditavamos, todos nós, na existência em Angola de condições sociais a permitirem uma convivência inter-etnias sem problemas.

Já em Abril, após um periodo extenso de indecisão, deu-se em Lisboa o "putsch" dos generais, que resultou na demissão do então Ministro da Defesa, General Julio Botelho Moniz, e na passagem à reserva de varios oficiais generais comandantes de centros militares importantes na metrópole. Habil como sempre, Salazar utilisou essa ingénua tentativa de golpe de estado para apagar o periodo de indecisão anterior e, aplicando sobre o comando militar demissionário a responsabilidade de tal estado de coisas, fez afirmação publica de uma atitude, resu-



minho as suas palavras a uma frase de redundância histórica: "Para Angola e em força!"

o o o o o o o o o

(...) Ao aterrar em Luanda deparei com um ambiente caótico: aviões em continuo movimento para cá e para lá, uma massa de refugiados de barbas crescidas e cabelos desgrenhados, de pistolas à cinta e olhar eufórico.

(...) Pude então verificar a força tremenda que podem ter os "slogans" habilmente construídos, quando aparecem os momentos de confusão e urgência.

Luanda recebia naqueles dias uma maré de refugiados do Congo angolano, cada qual com a sua história de terror e ódio para contar. Aglutinavam-se nos cafés, nos bares de hotel, nas esplanadas dos cinemas e desabafavam a sua "verdade".

(...) Depois apareceu a atitude "enfim" coerente do governo central; e a sua exploração publicitária: artigos nos jornais, extensos, elegiacos, redundantes, a tornarem mais notório o objectivismo de uma fotografia de curta legenda - o rosto de Salazar e as palavras "Para Angola e em força!"

o o o o o o o o o

Quatro dias depois de chegar. Estou à paisana e sento-me num café da baixa, a beber uma cerveja. E, dado momento, oiço uma gritaria enorme na rua, do meio da qual se destaca a palavra "terrorista". Pessoas correm, vindas de toda a parte. Tudo brancos. "Vão dar cabo daquele tipo", penso e ergo-me de subito, chocado pela desproporção numérica. Corro para o homem que uma confusão de braços agarra e quero intervir.

Momentos depois, sentado numa cadeira do café, acorde do desmaio: tinham-me batido na cabeça. "O preto?" "Você teve muita sorte," dizem-me, "iam-lhe fazer o mesmo a si." "O quê?" "Deram cabo dele; fizeram-no em postas."

o o o o o o o o o

O planalto de Malange tem um declive para nordeste que aparece sob a forma brusca de uma ravina para além da qual se estende a planície algodoeira da Baixa do Cassange. É explorado por três companhias latifundiárias, sendo a COTONANG a mais importante delas. Como em todos os outros lados de Angola, também ali se pratica a política de mão de obra a preço de servidão o que, econo-



micamente coloca o indigena numa posição mais débil que a de escravo, visto que o patrão nem se preocupa em alimentar o seu empregado: substitui-o quando morre, quase sempre por consequência directa de um estado francamente subalimentar.

Em Fevereiro de 1961, cerca de um mês antes do eclodir do "terrorismo", processou-se nessa zona uma greve reivindicativa organizada pelo movimento nacionalista M.P.L.A. ( Movimento Popular de Libertação de Angola ). A semelhança de soluções dadas a problemas no género ocorridos durante a ocupação colonial, o governo de Luanda decidiu-se pela repressão militar a ser executada pelo Exército e pela Força Aérea.

Pelo raio de acção dos seus aviões, coube precisamente à esquadra 91 (PV - 2) colaborar na missão de dispersar "à bomba e à metralhadora" os grupos de grevistas que os seus aviões encontrassem na zona.

Chegado a Luanda em 21 de Abril, não posso oferecer um testemunho ocular da acção porque não tomei parte nela. Ouvi, no entanto, as descrições dos comandantes de avião que por ali andaram: à excepção de um, individuo de acentuadas convicções fascistas, todos "erraram" os alvos que tinham de atingir, despejando o material ofensivo que traziam em lugar onde não pudesse atingir ninguém.

"Chegavamos às sanzalas, enfiadas umas nas outras, na borda da estrada, e lá estavam eles, sentados em grupos, imoveis ao avistar o avião. Quase nem olhavam para cima. Só um sádico poderia atirar para aquela gente, que apenas queria dinheiro para poder comer. Por isso largavamos o material num sitio descampado, com um pêso na consciência por não termos a coragem para o trazermos de volta para Luanda."

Essa "falta de coragem" levou um dos pilotos a uma clinica psiquiátrica de Lisboa, de onde voltou três meses depois, mal curado. Já, nos dois anos seguintes, contar-se no numero sempre crescente dos alcoolicos das Forças Armadas Portuguesas em Angola.

o o o o o o o o o

(...) Todos com opiniões, criticas, sugestões, perguntas.

Que pensa daquilo tudo a gente de Luanda?

Depende.

Depende das ligações, dos compromissos, das experiências. De cada um e de todos.

"Tem-se feito muita barbaridade, valha-me Deus! Eu ouvi contar: espetam as cabeças dos pretos em paus compridos. Valha-me Deus! Mas olhe que é preciso não confiar muito neles. Sou contra essas chacinas: Deus proibiu que os homens



se matassem uns aos outros."

"Eu conheço-o bem. E a filha, há muito tempo. Ouvi-a contar a tragédia do ódio que vota a um pai prepotente, cujas crueldades teve que aceitar, quase até ao ponto da participação, para não enlouquecer. Fez assassinar varios trabalhadores na sua fazenda, o "brinquinho" dos Dembos. Mas é um lugar comum, infelizmente. Contam-se pelos dedos os fazendeiros que não contribuíram de modo directo para o rebentar desta vaga de odio."

Deve ser dificil a tarefa de um homem honesto, no meio de tudo aquilo. Tem uns olhos bons mas cansados, um rosto ingénuo aquerer comunicar.

"Com essa sua pele branca, meu amigo, você tem na realidade um bom cartão de visita aqui."

"Talvez", contesto, "mas mesmo assim são possiveis os diálogos entre gente de raça diferente. Como o nosso agora, à beira de uma mesa e de cerveja fresca".

"Não tome o particular pelo geral. E sobretudo não se esqueça dos primeiros dias".

Mal me lembro dos meus primeiros dias em Luanda. Só ficou um cansaço depois da euforia. E o vazio atónito.

"Nos primeiros dias andavam por ai, aos grupos, armados de revólveres e espingardas a caçar negros".

O linchamento...

"Andar de noite e mostrar uma pele escura como a minha era jogar uma lotaria de morte. O unico dialogo que então se dava entre vocês enós era o do assassinio. A mim apanharam-me no muceque de S. Paulo, rodearam-me bem rodeadinho e estavam para dar cabo de mim quando tive a sorte de ver passar um autocarro. Consegui atirar-me para o patim e fechei os olhos, apavorado com a simples ideia de ver o condutor parar aquilo".

(...) "Mas eu não sou português: sou angolano. Nasci lá em baixo, em Nova Lisboa. E digo-lhes mais: se não fossem vocês isto era um pais enorme, cheio de tudo, porque cá há de tudo. É só deixarem a gente trabalhar em paz. Então há direito que o algodão saia de cá para o comprarmos depois vinte vezes mais caro, nas camisas e nas cuecas? Vão-se embora, ai está o meu conselho. Tiveram tempo para provar o que valiam: valem pouco, está à vista. Vão-se agora embora e deixem a gente mostrar o que pode. Vão-se embora vocês e as agências que cá têm dos vossos monopólios".



(...) O que é que na verdade tem sido feito naquele território enorme e rico? Extrair parte dessa riqueza e devolver parte dessa parte a preço de fogo. Forçar a gente que la vive a todos os narcóticos da sub-humanisação. "O preto é um bebedo". São 4.500.000 compradores dos excessos da produção vinicola portuguesa.

o o o o o o o o o

(...) Os militares são uma casta especial. Trazem ordens escritas sobre os degraus dos galões ou das divisas e tiveram um pretexto facil. Mas assim mesmo não deixam de pressentir as primeiras perguntas:

Quando se começam a punir com uma dureza de escandalo todos os individuos que roubaram, violaram, escravizaram esses seus outros semelhantes, ali no Congo angolano?

(Imagine, meu capitão, aquelas bestas. Um homem chega ali cansado, depois de ver mais pretos mortos no caminho que até doia o sangue à gente, espera que lhe agradeçam ter andado por ali a arriscar o corpinho e mal pede uma cerveja trazem-lhe logo a conta: vinte "paus". Num sitio, o homem da persão perguntou ao nosso alferes se a gente tinha dinheiro para pagar a conta antes de nos dar de comer. Havia dois dias que não metiamos nada que se visse à boca. O nosso alferes fez-lhe cara de mau e a comida veio. No fim mandou apresentar a conta ao Comando Militar. Quando é que começam a meter essa cambada na cadeia, meu capitão?")

"Esteve cá o Vieira de Brito, sabias?"

"O do Benfica?"

"Sim. O do Benfica. E o de uma das maiores "fatias" de café dos Dembos. Veio dar "instruções" ao Corpo de Voluntários para que escolhessem um itinerário que passasse pelas fazendas dele..."

(...) O tabaco, a cerveja e tantas outras coisas de uso corrente receberam um suplemento no custo. Está lá na etiqueta com as letras I.C. à frente: imposto de consumo. O militar não paga imposto de consumo mas sabe que os outros, a arraia miuda paga.

o o o o o o o o o

(...) Os "baloes do Quanza". Foi perto da barragem de Cambambe que eles nasceram. Um dos lugares onde o Quanza tem maior densidade de crocodilos, sem-



pre esfomeados. Mas daquela vez os colonos e as autoridades administrativas do Quanza Sul foram mais fortes do que eles. Organizaram uma operação de depuração maciça, para evitar qualquer coisa de semelhante com o que se passara no Congo angolano. Homens e mulheres, velhos e crianças foram assassinados em numero tal que, satisfazendo o apetite da multidão de saurios do rio, vieram aparecer às centenas na foz, transformados pela putrefacção em sinistros "baldões" humanos à deriva.

Um amigo mestiço, funcionário de uma casa exportadora de café contou-me do seu trabalho. "Tenho que receber os fazendeiros e sou só um funcionário da casa. Por isso oiço-os e calo-me. Não lhes esqueço é as caras. Contam coisas do arco da velha. Um tipo do Quanza Sul, um loirinho com cara de virgem, veio ter comigo, perfeitamente convencido da razão "profilática" do que fazia. E o menos que fazia era deitar azeite a ferver nos ouvidos dos pretos que queria interrogar". Nos olhos claros do meu amigo mestiço havia um odio frio, sem pressas.

(...) O capitão de cavalaria Mendonça é uma criatura que ultrapassa o metro e noventa. Tem um nariz adunco e os olhos cinzentos movem-se-lhe sem pressas, ao longo de uma esquadria cartesiana. O capitão Mendonça comanda o esquadrão dos Dragões de Luanda. É, dizem, pessoa com interesses no café. Tem uma voz pausada, clarissima, eivada de um tom aristocrático. O capitão Mendonça não deixa à policia o trabalho exclusivo dos interrogatórios. Tem uma mentalidade de técnico e entendeu a psicologia segundo essa linha. Por isso joga com factores de efeito calculado, ao apresentar-se perante os detidos: põe na cintura um cordão de orelhas humanas ainda frescas e destacou um soldado para lhe manter essa cintura sempre em estado de ser usada. O capitão Mendonça acha que o choque electrico deve ser de curta duração para evitar tanto quanto possivel o desmaio. Por isso mandou ligar uma fonte de energia eléctrica ao arame onde prende os pulsos dos homens de quem quer obter informações e acciona pessoalmente o comutador, estabelecendo descargas periódicas, rítmicas, curtas. Dadas as contorções que provoca, o capitão Mendonça baptisou esse equipamento com o nome de "rock and roll"...

(...) Falam, dizem, contam que lhes mataram a irmã ou o filho, mas esquecem-se do "bom tempo". Quando "caçavam neles" sob o mais insignificante pretexto".



"E até sem pretexto nenhum. Um fazendeiro do Negage costumava verificar a mira das armas de caça sobre o primeiro negro que passasse suficientemente longe".

"Uma corja! Falam das mulheres que lhes violaram mas esquecem-se das noites em que iam à cubata da moça mais apetitosa e corriam simplesmente com o homem à beira dela, fazendo-o esperar lá fora que tivessem "acabado".

"Mas é claro que isso não sôa a violação; não é tomado com gritos, luta ou surpresa. Não se lembram porque o hábito aqui era de tomar a propriedade dos negros - dos objectos às próprias pessoas - com poucas ou nenhuma formalidades legais".

o o o o o o o o o

(...) No Estado Maior da II Região Aérea planeiam-se missões de patrulha e de reconhecimento armado: há que descobrir os aquartelamentos do inimigo, camuflados em plena mata, e destruí-los com bombas de alto explosivo. Em virtude das condições em que estes agora se encontram, nem napalm nem bombas de fragmentação se mostram actuaentes; é a vez das bombas anti-submarinas da OTAN entrarem em acção: pretende-se fazer ruir cada cubata emboscada à força da onda de choque produzida pela explosão de uma carga elevada de TNT.

(...) Tendo sido atribuída à responsabilidade táctica da Força Aérea o sector C (Central) do Congo angolano, o comandante do grupo operacional da Base Aérea 9 pretendia ensaiar ali um tipo de solução muito sua para a guerra de Angola: "quem não é por nós é contra nós". Quando comentavam o seu ponto de vista como de puro genocídio, costumava dizer: "chamem-lhe o que quiserem. Esta gente do Norte esta toda minada. E não faltam braços no sul para tratar do café". Dentro do caos que existe na linha de comando da Região Aérea, o oficial de operações consegue evitar a execução de uma grande quantidade de acções ofensivas de puro genocídio contra os povos do norte de Angola. A sua acção sistematizadora é tão incómoda que quase o obrigam a entrar de licença no verão de 1961.

(...) Com o andar do tempo iríamos - uns mais que os outros - verificar que a guerra de Angola facilitava o nascimento de acções de tipo tão individual como o citado. Iríamos, dia atrás de dia, descobrir com revolta e vergonha casos iguais e piores.

Os factos que se somam uns atrás dos outros tornam cada vez mais urgen-



tes as soluções que a propaganda dá como fins em vista. Espalhados por esse Norte de Angola, os homens das Forças Armadas Portuguesas são mandados matar, correndo o risco de serem mortos. Mandam-nos arrasar sanzalas e executar rebeldes. E acompanham cada ordem com o aceno das "fotografias" e dos sempre iguais extractos heroicos da História de Portugal (versão oficial).

Mas não conseguem esconder-lhes toda a usurpação, toda a violência, todo o crime que tão diáfano manto tapou pelo somar dos anos.

E, facto atrás de facto, o contar desses anos de colonialismo retinto começam a dispor o homem armado para uma atitude de exigência.

o o o o o o o o o

(...) A duvida agiganta-se cada vez mais. E o resultado dessa duvida não satisfeita posso vê-lo todos os dias, quando passo, a caminho de casa, pela clinica psiquiátrica da estrada do Catete: transborda de individuos estranhos; uns de gestos descontrolados, outros imoveis, paralisados em memórias densas. São centenas de chocados pela violência culposa daquela guerra. São centenas de casos que não puderam esperar pela resposta à sua duvida de sangue e de remorso.

o o o o o o o o o

(...) Num dia de Fevereiro de 1962 a carne doeu-me finalmente. São dois corpos a arder, dois corpos inocentes para alem de toda a dúvida: uma mulher e uma criança.

Quem traz o avião de volta é o co-piloto. Uma vez aterrado, vou para casa e ali passo, fechado, uma semana.

(...) Os militares sentem uma vontade quase dolorosa de chorar com raiva. Por isso se chegam ao General Deslandes e lhe oferecem o seu apoio total, se ele quizer erguer a cabeça perante um governo que trai miseravelmente propósitos solenemente anunciados. Mas o General Deslandes não é homem bastante para o momento. Falta-lhe coragem e motivação. E é então que nos meios militares começa a surgir a tentação da revolta.

o o o o o o o o o

(...) Numa operação ordenada pelo comandante do grupo oparecional da Base Aérea 9 executa-se um ataque maciço a uma posição distante três quilo-



metros de um ponto onde o exército estava, naquele momento, a desempenhar uma acção psico-social. O ataque é planeado segundo as "boas normas" da "coventriação": seis PV-2, em formação cerrada, vão largar cerca de 18.000 libras de TNT sobre um alvo namata. A seguir, o terreno deve ser vasculhado por uma companhia de paraquedistas. Trata-se da destruição de um aquartelamento inimigo descoberto dias antes num vôo de patrulha. A ordem de largada das bombas é dada simultaneamente para todos os aviões. A explosão enorme abana as asas dos aparelhos. Momentos depois ouvimos uma voz alarmada vir através do equipamento rádio de ligação com o exército. "Suas bestas! Parem com isso! Estamos aqui ao pé de vocês com trezentos pretos! Estamos a falar-lhes de paz e trabalho!" De bordo dos aviões ninguém lhes soube dar resposta. (Mas que guerra é esta onde matar pode ser um simples gesto de ginástica pessoal?)

Estão em Luanda quinhentos e tal metropolitanos, atraídos a Angola pela propaganda radiofónica de um jornalista do "Comércio". (Quese me lembro das palavras e do tom. O tom é épico e ao mesmo tempo emocional, como convem. As palavras? São mais ou menos assim: "Esta terra portuguesa, enorme, virgem ainda na sua maior parte, abre os seus braços aos portugueses da metrópole que dela tenham sede. Vinde até Angola. Vinde povoar e fecundar Portugal em África). Vejo-os na rua, a engraxar sapatos e a pedir esmola. Arranjo passagens para dois deles: regressam à terra, mais pobres do que antes, porque se recusaram a "ir matar pretos lá para cima", o unico emprego que lhes ofereceram. Agora já sei porque não há aqui lugar para eles: ao preto quase nem é preciso pagar.

(...) Revolvo-me num conflito interno que cada vez se revela mais impotente. Assino uma folha de papel selado a pedir a minha demissão de oficial da Força Aérea. No dia seguinte recupero a folha e rasgo-a: não posso responder com uma simples abstenção às ordens criminosas que me prestei a cumprir.

Começo, gratuitamente, a espalhar a minha revolta nos cafés, tentando verter nesse acto negativo - porque me limita e referencia - parte do enorme complexo de culpa que ando a arrastar pelas ruas de Luanda.

(...) E é nesse momento que vejo que estou pronto para o que vier: não sei o que fazer porque quero, com a urgência da própria vida, fazer alguma coisa.

Essa qualquer coisa aparece-me na pessoa de um alferes miliciano. Vem de Lisboa, mandado por pessoa da minha confiança, e traz-me uma proposta concre-



ta: "Quer colaborar no fim da guerra de Angola? Quer contribuir para destruir uma ditadura que conduziu o país a"isto"? Quer revoltar-se?"

Quero!

A única solução que entrevejo para o estado de guerra angolano é substituir os comandos em Luanda, pela força, adquirindo o controle total da cidade e dos meios de comunicação para o norte.

Repugna-me classificar como "putsch" o movimento em que entrei. Porque, por um lado, se enquadrava dentro da estratégia geral da oposição portuguesa. E porque, pelo outro, tinha como finalidade primeira o fim da guerra em Angola e a concessão de uma independência real ao povo angolano. Mas, tecnicamente, já que pretendia agir através do "descabeçamento" dos comandos militares, numa actuação dentro dos canones do golpe de mão, foi na verdade um "putsch" o movimento a que aderi.

(...) Preciso de tropa especializada. Lembro-me da Escola Naval e decido-me a abordar um primeiro-tenente fusileiro especial que viveu comigo um ano na Academia. Chama-se Augusto Metzner. O dialogo é breve:

"Vamos acabar com a guerra de Angola e correr com o Salazar ao mesmo tempo. Há muita, muita gente que depende de nós. Cabe-nos descabeçar os comandos em Luanda e receber aqui um governo português provisório".

"Ná... Isso de governo mete politica pela certa. Não quero. Além de que sou um mercenário. Estou aqui porque me pagam bem. Se me deixassem ir para o Katanga, lá. Pagavam-me três vezes mais."

o o o o o o o o o

(...) Em 10 de Fevereiro de 1963 chego à conclusão de que a"quarentena" foi aconselhável: chamam-me ao Comando da II Região Aérea e apresentam-me uma denúncia escrita e assinada pelo primeiro-tenente Metzner. Nego as acusações e, no dia seguinte, sou enviado para Lisboa, sem mais explicações, com ordem de me apresentar diariamente ao E.M.F.A. Estou aparentemente colocado na minha base de origem, o Montijo. Tudo aquilo é estranho mas, depois da nula actuação legal que sofri da parte dos comandos em Lisboa, julgo que o meu caso não deve oferecer grande interesse para ser agarrado.

(...) Contudo, sem mais processos legais, no dia 20 de Março de 1963 é-me comunicado oralmente pelo chefe de secretaria do E.M.F.A. que fora demi-



tido do posto de major-piloto-aviador.

Duas horas depois, à porta de casa, sou preso por dois agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE).

Em 4 de Dezembro desse ano fui libertado, após insinuações que minha mulher fez à PIDE de tornar público um "dossier" que sobre o meu caso tinha no estrangeiro. Chegámos à conclusão de que esse era o passo a dar, visto que após seis meses de prisão preventiva, eu continuava detido sem culpa formada nem possibilidade de requerer "habeas corpus": baseada numa ambiguidade legal, a PIDE podia conservar-me preso o tempo que muito bem quizesse, sem correr o risco que o julgamento de um caso como o meu significaria no aspecto de publicidade negativa.

No dia 22 de Maio seguinte fui avisado de que ia ser de novo preso. Decidi-me a tentar a evasão pela via da emigração económica clandestina e cheguei finalmente a Paris. Hoje estou em Alger, ao pé dos refugiados portugueses de todas as confissões políticas anti-fascistas. No meio deles, continuo a ser um não alinhado.

o o o o o o o o o

(...) Os soldados nas colónias - tirando aqueles poucos que logram oportunidade para pôr a claro um sadismo latente - estão dia após dia mais conscientes de que qualquer coisa anda errada por ali. O simples gesto de matar sem a percepção de motivos justos, não é afinal tão simples assim: deixa marcas profundas na consciência de cada um, degrada ou revolta, destroi ou reconstrói um homem.

(...) Os soldados portugueses em Angola, na Guiné, em Moçambique, em S. Tomé, no Príncipe, em Cabo Verde passam fatalmente pela contaminação de uma mesma doença, mais ou menos consciente, patente através de sintomas variados: o complexo de culpa.

(...) Mas é preciso que as percentagens de responsabilidade sejam bem divididas e atribuídas a quem caibam. Do anonimato de toda uma nação é necessário fazer ressaltar quem se colocou na sua liderança. Urge referir os processos de castração, obscurantismo e mistificação usados para distorcer o caminho normal desse aglomerado de homens.

Como castração entendo todo o processo de envilecimento económico, de desemprego provocado, de chantagem com a sobrevivência. Como castração entendo uma repressão cuidadosa de se não tornar escândalo disseminado.



Como obscurantismo entendo não só uma censura férrea como uma distorção de factos, uma segregação económica no acesso aos meios de esclarecimento e educação. Como obscurantismo entendo a proibição aos editores, empresários e produtores cinematográficos, de tornarem publico qualquer autor que se demonstre ainda que vagamente liberal.

Como mistificação entendo os conceitos históricos que pretenderam fabricar uma "raça lusitana", materializando-a num asceta de cruz numa mão e espada na outra. Como mistificação entendo o estabelecimento e difusão de exemplos práticos de que o processo histórico seja, de facto, imutavel. "Tudo se repete", foi um slogan criado para fazer desistir - e por isso a juventude das escolas de Portugal tem sido mandada olhar para a época dos descobrimentos, como se renova-la fosse a sua unica possibilidade de dignificação, de contribuir para a grandeza da Pátria. Como mistificação entendo, enfim, os vários processos derivativos que vieram distrair a atenção do português para uma realidade de fantasmas, fadas e duendes.

E a responsabilidade da utilização de tais meios cabe por certo a um determinado grupo e à máquina estatal que soube gerar.

Porque se acuso fundamentalmente o fascismo de Salazar e toda a clique que o rodeia e apoia é porque vi, em 1942, todas as crianças nascidas em Santa Eugénia, a minha aldeia natal, morrerem de subnutrição - e porque o fascismo pretendeu explicar esse facto com o ciclone que flagelou o pais no ano anterior; é porque vi amigos na prisão, após sessões longas de uma semana e mais na tortura do sono, aparentemente intocados mas doentes, quem sabe se sem remédio, para o resto dos seus dias - e porque o fascismo explica em voz candida que não existe limite legal de tempo para os interrogatórios; é porque aviões foram mandados seguir para a destruição de sanzalas onde gente que vivia foi regada com napalm a arder - após o fascismo ter anotado, nas ordens de missão, o comentário afirmativo de que essas sanzalas estavam desabitadas durante o dia.

E se acuso fundamentalmente a aristocracia do dinheiro em Portugal é porque cada mito criado pelo fascismo - criatura sua - subentende uma contradição objectiva bem à vista; é porque - por exemplo - um território proclamado como português ( o distrito da Lunda em Angola, onde estão as minas de diamantes da DIAMANG) tem regulamentações próprias e se torna num verdadeiro estado inter-estado com fronteiras rígidas, cuja ultrapassagem pode



significar perigo, como o verificou um piloto de DO-27 da Força Aérea Portuguesa que ali teve de aterrar em missão de serviço;

é porque toda uma guerra colonial, com toda a sua história de massacres, violência e horror resulta da necessidade que esse grupo tem de manter as suas "quintas no ultramar".

(Do livro em preparação "REPRESSÃO")



M á r i o   M o u t i n h o   d e   P Á D U A

Alferes miliciano médico

A N G O L A



o   o   o

(...)

Negage, 18 de Maio de 1961.

Hoje foram executados, às 6 da manhã, dezanove homens. Dormia a essa hora. O Graça convidou outros oficiais para o acompanharem, a fim de assistirem à execução, e entre eles eu, "para nos habituarmos a estas coisas e não estarmos com piéguices, compreendes?" Foi por ele que soube, ontem à tarde, que estava a ser julgada uma quantidade de pretos e que lhes tinham batido de uma maneira espantosa.

Quem? - perguntei mais tarde.

Os cipaios (1)

Um tinha um "olho deitado abaixo"; os braços de outro estavam semeados de altos e baixos pelas pancadas. Um dos oficiais elogiava a sua resistência.

O julgamento estava marcado para as sete horas da tarde de ontem. Todos sabiam e ninguém se importava, que se tratava de uma farça e que os presos seriam executados no dia seguinte de madrugada.

Homens, mulheres e até crianças, por vezes. "O que me custa mais são as crianças" disse o Graça.

"E as mulheres?" observei.

Não respondeu. Muitos deles não ouvem simplesmente este genero de perguntas.

(...) Eu não tinha compreendido bem o porquê do horroroso assassinio de crianças. Explicaram-mo ontem à noite. "É porque algumas delas voltaram-se contra o branco e apontaram-lhe pistolas".

.....

(1) Agentes africanos da administração colonial.



(...) Um conhecido meu, que passou há dias no Dondo, contou que viu alguns brancos a levar um preto para a prisão. Um deles dizia: "Este já comeu 7 orelhas!"

Obrigam (os torturados), às vezes, a comer as orelhas dos outros!

(...) O mais terrível é o hábito. O hábito de ouvir contar, talvez até o de ver sem poder reagir, o hábito de viver no meio destes jovens que estão socegados com as suas missões e as desculpas.

(...) Se lhes lembro que os indígenas foram muito explorados - ... - concordam por momentos mas citam logo a seguir os casos excepcionais que não se podem desmentir, generalizando: "Há pouco não se podia bater num preto sem se ir preso." "Conheço pretos bem tratados que se revoltaram."

Escondem-se atrás dessas mentiras engenhosas ignorando as realidades: os andrajos dos nativos, o índice de mortalidade elevadíssimo, as cubatas sem ar, sem luz, desprovidas de condições higiénicas, o trabalho do preto praticamente sempre pior pago que o do branco, em igualdade de circunstâncias, a ausência de instrução (havia em Luanda milhares de escolas clandestinas), a alimentação monotona, pobre, - "eles não gostam de outra coisa". Os pretos do mato têm criação, mas raramente a comem porque é uma das suas fontes de proventos.

(...) Ontem conversei com um homem instruído e intaligente que percorre Angola inteira à cerca de um ano. Conheceu o sistema da caderneta (a escravatura por dividas) que substituiu em certos casos há alguns anos o contrato (a escravatura por intermédio dos agentes administrativos). Contou as histórias dos brancos que enriquecem em poucos anos graças à sua esperteza e à arte de enganar o nativo e que se convencem que todos os brancos, por serem brancos, os devem aplaudir e ajudar.

(...) A semelhança entre esta rebelião e as revoltas dos escravos romanos é flagrante. Também aqui o escravo trabalha mal, "é preguiçoso", com a diferença que o branco atribui esse facto à raça negra, intrinsecamente, e não à condição de escravo como outrora os romanos. A cegueira, a maldade, o desprezo pelo homem negro são aqui imensos, depravadores."



(...) "Ainda verei muito mais antes de morrer, espero, e acho que tenho obrigação de o contar, mas oxalá não chegue a testemunhar nem a participar em nada." ... "Preciso lutar para que isso não me suceda, para que nunca me acomode ou me cale. Alguns esperam conseguir fazer-me mudar tal como eu gostaria de os modificar a eles. Sabem que quando começarem a matar, a "entrar em acção", como dizem, os seus pequenos escrupulos de fachada, serão eliminados e substituídos pela frieza. Felizmente não sou forçado a matar, senão a minha situação seria horrível. Este diário tem que ajudar-me a sobreviver. Oxalá me ajude."

18 de Maio, à tarde.

Afinal não tinha sido contado tudo a respeito da execução desta manhã. Alguns oficiais com quem almocei, impressionados ligeiramente, apesar de tudo pelas minhas observações e um pouco para ver como eu reagia, afirmaram-me que os condenados tinham sido cortados com a catana (2). Abertos longitudinalmente e cortados perpendicularmente pelos ombros!

A impressão que isto pode causar é indescritível. Para nós, homens que vivemos entre estas bestas, é mais um facto que transcende o que é admissível em crueldade. Perguntei se o tinham feito com os homens vivos ou mortos. Não responderam.

(...) Os gestos de ternura, de generosidade, de dedicação comovente de que são capazes quando os elevam verdadeiramente são imensos. Mas para isso precisam de um pouco mais do que comida, dinheiro ou mesmo uma certa educação. Estes idiotas recusam-se a compreendê-lo. São homens boçais, sem qualquer delicadeza. Mesmo quando auxiliam os indígenas mantêm a respeito da raça sentimentos de desprezo.

A minha maior esperança é que não levem à frente o propósito de eliminar a raça inteira. A maneira calma e indiferente, cícora, com que procuram falar das suas espantosas vinganças, oculta mal um odio implacável, concentrado, muito longe de se saciar e que se fortifica continuamente no medo em que vivem, na insegurança em que repousa agora o seu anterior mundo de conforto.

.....

(2) as grandes facas de trabalho dos angolanos.



Mas é terrível a insistência no remexer da ferida; contam e tornam a contar as suas proezas - metralhadoras e boas espingardas contra canhangulos (3), uma ou outra espingarda ou arma automática e, sobretudo, catanas. Citam as dezenas de mortos que fizeram. Admiram-se uns aos outros e so por vezes comentam, casualmente de modo descritivo ou despeitado, a resistência extraordinária dos homens negros, o seu heroísmo perante as torturas. Atiram-se quase desarmados contra redutos muito bem fortificados, onde os dizem. Por vezes até anunciam o dia do assalto, etc.

Estes homens brancos parece não terem ainda percebido que a base da sua felicidade material é o trabalho escravo, baratissimo, as vidas destes homens que menosprezaram. Desconhecem que sem eles nada terão. Serão obrigados a trabalhar. Como dizia ontem o meu conhecido: "Quando ouvir falar de trabalho, do suor com que o branco ganhou fortuna, pode ter a certeza de que se tal se deu, foi com o chicote na mão."

Confusamente admitem os militares (oficiais) e alguns capitalistas estranhos a estas paragens que os pretos podem ser todos mortos e substituidos pelos brancos que pululam na metropole. Certos militares (oficiais), senão a maioria, consideram inclusivé, essa hipotese como agradável solução para o problema do proletariado metropolitano. Mas o comerciante local sabe bem que o português nunca trabalhará pelo preço que ele paga ao nativo, nem se deixará já enganar da mesma maneira. Essa certeza devia torná-lo mais cuidadoso e trazer-lhe desassocego intimo. No entanto todos eles se entregam completamente a este morticínio sem limites, secundados pela policia de segurança, pela PIDE, pelo Exército, etc.

(...) Qual o castigo para um dos muitos capitães que comandam ou permitem atrocidades espantosas, o capitão por alcunha Eichmann (Rui Mendonça) que manda comer orelhas aos prisioneiros, os obriga a cometer perversões sexuais nas mulheres presas, faz arrancar os testiculos e o pénis a alicate, cortar os membros e órgãos à catanada, enterrar os rebeldes até à cabeça antes de os matar? Não gasta uma bala nas execuções e orgulha-se disso. Entre os seus suplicios favoritos conta-se ainda os choques eléctricos e a liquidação dos presos mediante punhaladas lentas e estudadas.

Um oficial, o capitão X, viu algumas destas torturas e voltou fortemente

.....

(3) espingardas de fabricação manual.



transtornado.

5º dia após a saída de Negage-Bungo

(...) Pouco a pouco fui reconstituindo a história dos assassinios oficiais no Negage. Dois homens chegaram ao local da morte já sem vida por causa das pancadas que acompanham o interrogatorio.

Dois outros, o chefe e um louco, foram degolados vivos. Aos restantes, a "justiça" era administrada por qualquer branco, isto é, quem quizesse podia disparar o tiro e esquartejar. Talvez com a intenção de dar calo aos soldados.

Depois destes assassinios legais apresentou-se pelo menos um homem, um civil, para brincar com os corpos. E o "carniceiro" arrancava os intestinos como um magarefe. Tratava-se de um homem risonho, um colono gordinho, com certo complexo de superioridade. De resto, como quase todos os outros civis, despreza a tropa e aceita-a apenas por necessidade. Só manifestam consideração pelos homens como eles, por aqueles que enriqueceram nesta terra a fazer trabalhar os nativos.

(...) Mesmo à tropa que os vem salvar procuram arrancar dinheiro sem qualquer escrupulo. No entanto consideram-se honestos, os detentores da razão.

"Angola é nossa". "Há mais de 30 anos que não vou à Metrópole". "Essa raça tem de ser completamente exterminada". São essas as exclamações que ouvimos a cada passo.

(...) Esta pequena aldeia governou-se quase exclusivamente com o comércio com os nativos. Cada homem branco é um negociante ou o empregado de um negociante que burlou descarada e impunemente os indigenas buscando desculpa na pretensa inferioridade da raça negra. (...) Tornaram-se na pior escumalha que existe à superfície da terra.

(...) Eu pergunto-me admirado: são estes tão curtos de vista que não compreendam que destroem os seus proprios alicerces, as bases que os sustentam?



Os seus planos de futuro são vagos, confusos. O "Jornal do Congo", o jornal "revolucionário" que ataca por vezes o governo fascista, levanta a bandeira da "honestidade". Ataca a censura da imprensa, para dizer não sei que verdades. Acusa o governo de ser brando. Num estado de extrema direita defende uma posição ultra. É partidário em tudo e por tudo, da Africa do Sul, do seu "admiravel sistema de colonisação". Por isso defende disfarçadamente o genocidio da raça negra no Congo, vindo a mão-de-obra, parece, a ser constituída, posteriormente pelo branco metropolitano. Mas é evidente, para quem pense, que este nunca trabalhará pelos salarios e nas condições do angolano. Outros, os pequenos comerciantes sobretudo, votam, segundo creio, pela emigração maciça, forçada por certo, de homens do Sul.

Mas suportará a economia do Sul essa perda?

Estarão os seus brancos dispostos a ceder a "sua" mão de obra?

(...) Na noite anterior à nossa partida chegaram mais pretos "terroristas" Aproximadamente 40.

(...) O pequeno comerciante que se torna, ao fim de pouco tempo, um pequeno roceiro de café, foi naturalmente menos beneficiado pelo trabalho forçado do que o grande, que comprava e compra as autoridades com os seus chorudos presentes. Odeia por isso esse grande proprietário que nesta hora se põs muito simplesmente a bom recato em Luanda ou, se as posses lho permitiam, em Lisboa.

(...) O fito dominante das operações é por enquanto queimar o capim para depois se proceder livremente à caça dos homens. Afirma-se que o Exército vai ser munido de lança-chamas.

(...) A aviação gasta largamente as bombas napalm da OTAN (e de outras origens murmura-se) cujo consumo é proibido em principio por aquela organização.

(...) Muitos dos civis necessitam também de aumentar os seus feitos. Fui descobrindo que algumas das façanhas que descrevem não tinham sido, na verdade, tão cruentas. Por isso procuro fazer referência apenas às que se me apresentam com garantias de veracidade. (...) é certo que (o capitão Eichmann) dispunha na Tentativa de uma casa especial para as torturas e que ali, alem de electrocussões, de punhaladas lentas, etc., se prendem seres humanos ao teto pelos testiculos, o que



faz lembrar a tática da PIDE em Portugal. Com que horrível resultado? Não o sei dizer.

Há ordem, transmitida a grande numero de companhias, para degolar os mortos a fim de que os vivos não se fiem na ressurreição.

(...) Um conhecido meu leu o seguinte relatório em que um capitão expunha aos seus superiores uma execução organizada por si. "Postas as vítimas nos locais escolhidos, avançou ao som das cornetas o grupo de fuzilamento". Até aqui - comentava o meu interlocutor - é aceitável. "Concluído o acto, as cornetas dão o sinal para a entrada em cena dos degoladores. Estes espetam as cabeças em paus que ficam cravados de maneira a que as cabeças olhem para baixo 'com muito respeito'! Ali deveriam ficar alguns dias para aviso, findos os quais se retirariam, conservando-se indefinidamente os paus". (...) às seis da manhã saímos do Negage.

(...) Os rebeldes colocam arvores nas estradas para fechar o caminho. Um carro parado torna-se presa acessível. Supunha-se que por vezes chegariam a cortar logo a seguir à passagem outra arvore já parcialmente cerrada encurralando o adversário. O caminho estava cheio de arvores e a columna era extensa. Andamos poucas milhas por dia. Por vezes detemo-nos após percorrermos apenas escassos metros. Junto à estrada há algumas arvores, poucas. O resto é capim, em geral com menos de dois metros de altura, ao contrário do que diziam em Luanda. Esse, encontra-se raramente. Dos dois lados da estrada correm quase ininterruptamente valas e dois taludes de 0,5 a dois metros de altura. O leito da estrada fica pois abaixo do solo circundante. Sentimo-nos cercados e isolados aí. Mas ao principio de nada nos apercebiamos. A ordem era destruir as sanzalas no caminho.

(...) Quando chegou a segunda sanzala já estávamos cansados. Ninguém se queria esforçar muito.

De entre os escombros alguém tirou um livro, o livro da 1ª classe, livro unico. Preço fixo 14 escudos. Na primeira pagina estava escrito: este livro custou 25 escudos.

(...) A partir da segunda sanzala iniciou-se a luta. (...) Os aviões



havam lançado bombas, atrás, não sei contra quem. (...) De vez em quando atravessam-se pequenas matas. (...) Pensei que os tiros ao longe resultavam de descontrole. Mas de subito sinto as balas zunirem a dois ou três metros acima da minha cabeça... Os soldados saem das viaturas nervosamente e colocam-se nas bermas da estrada... Compreendi que podia morrer a qualquer momento. Tive medo nessa altura. Bastante. Não estava ainda habituado à ideia de acabar a todo o instante. Lutei com o desejo de agarrar em armas para me defender. Mas contive-me. Sai do "jeep" e aguardei deitado. (...) Recomeçamos a andar. Mais adiante estava um homem branco, semi-morto, com a cabeça aberta deitando sangue grosso nos braços, nas mãos, no fato. Um preto segurava-o cegamente, embalando-o e soluçando sem lágrimas. Passamos à frente. O que eu queria era salvar-me. Que tenho eu com esta guerra? Mas paramos de novo adiante. Alguns soldados saíram do carro cautelosamente e eu também. Senti que não podia abandonar aquele homem ferido. (...) Perto estavam dois pretos caídos. Homens pequenos, rapazes talvez, com os seus calções e camisas esfarrapadas, sujas - razão profunda da sua revolta.

(...) Aqueles que a provocaram (esta guerra), por uma ganância sem limites, não têm perdão e continuam comodamente sentados, indiferentes, comandando a morte e a desgraça de longe.

O Ministro das Colónias que por aqui veio há pouco, obrigado pelas declarações exaltadas dos congoleseos brancos afirmou algures, num discurso, que se tramava um genocidio. Mas referia-se ao genocidio dos brancos pelos pretos. (...) Desde aquele ponto em diante a morte não nos abandonou mais.

(...) inegável que esta táctica de emboscada, se se for generalizando, marcará um avanço notavel de orientação, da parte dos rebeldes... Disparam sem se revelar, por tiros anónimos, saídos da selva. Os oficiais e os soldados não querem lutar em campo aberto. Temem assaltar os rebeldes no capim e não saem por isso da estrada, de modo que os insurrectos são senhores do mato. (...) Gostaria de ver estes petulantes e ocios oficiais fascistas numa guerra diferente, eles que fazem da guerra uma profissão, da guerra colonialista. (...) Assim que a viagem se tornou perigosa deixaram de queimar as sanzalas, parecia que fugiamos. Explicaram-me que era por causa dos feridos.

(...) Os primeiros homens que os soldados da minha coluna mataram foram



entregues aos felizes civis. Com a complacencia ou o aplauso dos nossos chefes militares, cortaram-lhes as cabeças e penduraram-nas nas arvores. Uma cabeça de homem cortada - vi uma a cerca de 50 metros - é um quadrado em relevo, horrivel, com os bordos vermelhos, irregulares. Mais do que a cabeça, espantou-me que houvesse alguém que a levasse calmamente, a andar, espetada num pau ou numa baioneta, não vi bem, para um fim qualquer, lá longe, como se isso fosse uma coisa natural.

Damba, 31.

De novo há muitos factos a relatar.

E o alferes de uma guarnição local que conta serenamente que num ataque foram mortos sete e ferido um, enterrado com os mortos. E ele que admite risonho, que os que entram na Administração não saem dali vivos e que não se gasta uma bala com os prisioneiros. Entregam-nos aos cipaios, bailundos ou de outras tribus, que os cortam aos bocados.

É um prisioneiro meio louco que apanham numa sanzala e hesitam em trazer ou matar imediatamente, do que são impedidos pelo médico. São os civis que batem no homem capturado e convencem um soldado a tentar furar-lhe um olho com um pau. É o prisioneiro finalmente despedaçado à catanada. São os seus olhos medrosos da morte, mas sabendo morrer sem se baixar. E um civil bom da Damba que me afirma ter visto os demais civis perguntarem aos pretos, em frente do posto clinico, o que pensavam e perante as respostas balbuciantes dos desgraçados incultos, assassinares-nos ali. É um cortejo sem fim de misérias que se descortina neste povo negro de tristes, humildes seres; nos olhos abertos e profundos das crianças negras, imensamente graciosas; nos doentes que se arrastam nas consultas externas dos "hospitais", desprezados, mal tratados, andrajosos. É uma terra rica, demesuradamente rica, cheia de verdes, quase inproveitada, onde surge e se multiplica esta miséria enorme, inexplicavel.

(...) Que me interessa que um capitão da Força Aérea diga, particularmente, que a repressão nada conseguirá. Que outro capitão se sinta envergonhado com o corte de cabeças.

Há um general Libório que deu ordem para deitarem pela primeira vez "napalm" (um "duro"), sobre aldeias de grevistas na zona de Cassange.



Seis aviadores, dizem, recusaram-se a obedecer e foram presos. É um velho caqué-tico, despótico, fascista, que quer dominar os soldados e é por eles desprezado.

(...) Talvez sejam estes valentes e loucos africanos com os seus trabucos, as suas pistolinhas de pau, que parecem de brinquedo e só matam a poucos metros e por sorte, quem os derrotará, a esses grandes assassinos.

(...) Até mesmo agora, os civis - os "heroicos defensores" exaltados pelos jornais,; profissionais do crime que fariam o orgulho de qualquer quadrilha de "gangsters" - se vingam nos criados da revolta dos outros africanos, tratando-os ainda pior do que de costume. Caso engraçado, os rigidos, obedientes e amorfos oficiais do quadro (3) acabaram por detestá-los.

Os brancos continuam a colocar os ajudantes na parte de trás das camionetas, ao alcance das balas, enquanto as cabinas a seu lado vão vazias.

(...) Brazzaville dá noticias gerais, sem pormenores. Diz que a aviação bombardeou sanzalas, mas nada se vê das toscas casas destruidas, por quilometros e quilometros, enegrecidas, queimadas com pessoas la dentro; dos tiros de morteiro para uma sanzala habitada a fim de experimentar o tiro...

(...) Quando o jornal relata que a aviação dispersou uma concentração de rebeldes isso significa que lançou bombas sobre uma aglomeração qualquer de homens negros - provavelmente homens, mulheres e crianças.

(...) Esta guerra é uma sangueira sem fim nem prespectivas do lado português. Guerra de opressão que ninguem compreende. Os soldados têm medo porque nada, nenhuma palavra de ordem justa os impele.

(...) A heroicidade dos rebeldes é inacreditavel, lendaria já, mas poucos a admiram. Citam-na cheios de raiva. "Para matar um negro são precisos muitos tiros". "Vi um com sete e que continuava a correr para mim". Só torturados confessam

.....

(3) profissionais do exército.



e mesmo assim raramente culpam os camaradas.

(...) muitos morrem a gritar a sua fé, cheios de ferimentos, chicotadas, facadas, etc. Os gritos nacionalistas e o que eles significam para cada um, a realização dos seus sonhos particulares, emprestam-lhes coragem inaudita... Quando nada lhes resta, nenhuma esperança, nem sopro de poder físico, as palavras nacionalistas proporcionam-lhes o mundo prometido, a morte tranquila. Feridos, mutilados, morrem ou sofrem com elas nos lábios.

(...) Mais do que um oficial se encontra com aspecto de que não sabe o que fazer. Nem todos concordam com os feitos dos brancos. Unanimemente reconhecem a culpa dos administrativos. Um ou outro envergonha-se um pouco da repressão e do modo como é executada. Quase todos os mais novos, excepto os recém-saídos da Escola de Exército, são anti-salazaristas, mais ou menos vagamente. O vencimento e sobretudo os benefícios da Manutenção Militar, pensões, seguros sociais, etc., socegam-lhes o ardor político. Calam-se, vendem-se inconscientemente... A falta de ideal das tropas faz-se sentir grandemente. Os soldados estão cada vez mais cansados, sem animo.

(...) No Bungo há um oficial, um novo, que compreende a situação e manifesta repugnância pela parte que já tomou nesta espécie de guerra... Diz que não foi para isto que se inscreveu na Academia Militar, para matar homens. Ele e outro foram atacar duas sanzalas onde se tramaria a invasão do Negage... A maioria dos angolanos, espavoridos pelas bombas, fugiu. Alguns ficaram e foram mortos ou aprisionados, o que é a mesma coisa, creio. Queimaram as cabanas com pessoas lá dentro. Pediram-lhes que saíssem, chegaram a deitar as armas ao chão, estenderam-lhes as mãos. Preferiram morrer sem um queixume, imóveis.

Dois homens, a certa altura, desafiaram em campo aberto as duas companhias, armados com os seus canhangulos. Vinham a dançar. Mataram-nos imediatamente.

Aquele oficial, ainda novo, depois da sua acção na sanzala assevera que procurara proceder de acordo com os seus deveres cristãos. Emocionado escreveu à família.



(...) É verdade que alguns militares, como eu, procuram incutir consciência nos outros. Tenho-os observado com simpatia. Também os sargentos são de um modo geral moderados. Muitos já prestaram serviço em Africa e conhecem a realidade de perto. São homens que já não têm os olhos fechados, de certa idade, razoáveis e em regra com família e poucos desejosos de arriscar a vida.

(...) Os altos comandos falam muito na actividade psico-social, na abertura de escolas. Destinam à tropa um papel de facto calmante, de fiel da balança. Mas tudo isto sem insistências, desconhecendo a situação objectiva.

(...) É a PIDE quem faz as rusgas em Luanda, enquanto o Exército cerca os muceques (4) e corta as saídas. Dizem que não mata muitos homens nessas alturas. Leva-os para interrogatórios. Mas nestes, segundo me disse o irmão de um agente da PIDE, não se pode perder muito tempo. Os pretos anónimos que lá entram raramente saem com vida e, é claro, submetem-nos às torturas mais cruéis.

Se já em Portugal torcem os testículos aos prisioneiros políticos, praticam a "estátua" - postura de pé, até os membros inferiores incharem desmedidamente, e interrogam os presos dias e noites seguidas, chegando a provocar a loucura, e isto às pessoas notáveis, a que processos se não entregarão aqui sobre os infelizes africanos desconhecidos?

(...) Um conhecido meu abordou um grupo. Um deles (agentes da PIDE) contou a história que se segue. No mato desconfiava-se de um funcionário dos correios. Telefonaram-se então dois PIDES, um nos Correios e outro fora, insinuando que pertenciam à Corporação, embora não o declarassem expressamente. Um anunciou que ia viajar e disse para onde. Puzeram-se então a vigiar as comunicações e breve surpreenderam um telefonema do funcionario para outro membro da organização rebelde, avisando-o do facto e rematando "tratam-lhe da saúde".

O agente da PIDE terminou a história todo ufano, certo da sua utilidade pública: "e atrás dele vieram mais 70" (não sei se por confissão ou papeis). Metemo-los num vagão, mas" acrescentou, com uma gargalhada, "esquecemo-nos de deixar abertos os orificios para a respiração".

O capitão Morais ensina em Luanda como se deve agir na guerra subversi-

.....

(4) bairros indigenas.



va, nesta guerra. Grangeou grande nomeada na crise de Malange e da Baixa do Cassange. Esta ultima tomou, naquela altura, o aspecto de greve, de reveindicação de salários. Justissima, pois confessava-se em Lamego, (Centro de Instrução de Operações Especiais ou C.I.O.E.) que esses operários do algodão - empresa Cotonang - venciam apenas 300 escudos por ano em muitos casos.

O capitão Moraes conseguiu "acalmar" milhares e milhares de nativos levantados, comprometendo-se a satisfazer as reclamações com base na corrupção dos administrativos. Esta é de tal ordem que - conta o capitão- depois de ele proprio ter realizado um acordo com os Sobas (chefes indigenas tradicionais) e deixado em seguida o local, os administrativos obrigaram os mesmos sobas a prestarem um tributo de cerca de uma dezena de contos, golpe executado em poucos dias. Tendo regressado mais ou menos acidentalmente, o capitão soube do sucedido e mandou prender o chefe do posto. Esta decisão permitiu definitivamente aplacar os animos na região. Comentário de um oficial invejoso: "Mas para isso teve tambem que matar 20.000 pretos". "Não" contesta outro, "ele disse que não foram 20.000..."

Todos os officiais reconhecem que os administrativos é que forjaram o clima da rebelião e, forçados pela evidência, admitem que os civis, comerciantes e empregados, também têm as suas culpas.

(...) Os soldados vão-se incompatibilizando a pouco e pouco com os civis que lhes pedem preços exorbitantes.

(...) O Graça, um dos officiais da minha unidade, rapaz muito religioso, conta beatificamente que ofereceram dinheiro na Metropole a um dos seus soldados. Cheio de argucia, observa que pode esconder-se ai o truque de algum famigerado oposicionista.

Basta um discurso do Ministro do Exército a despedir-se dos officiais dos nossos batalhões para desfazer a ilusão de um Exército civilizado defrontando hordas de bárberos: "Fazei tudo o que fôr necessário, agi com as armas e os metodos dos adversários. Se vos brutalizarem, ultrapassai a violência dos seus actos, etc." Dai a ordem de cortar cabeças e outras que desconheço mas às quais os officiais com escrupulos se referiam veladamente. Dai esta falta de unificação nas actividades. Enquanto uns procuram sem grande conivicção nem jeito as negociações, outros espreitam apenas a possibilidade



de acabar a matança.

Espera-se um ataque no Negage, onde há escassas centenas de civis e apenas dois pelotões no momento. É uma das principais bases da aviação. Esta apercebeu-se de grandes concentrações através das matas. Nas estradas avistam-se pegadas sem fim para a vila. Há pouco, os criados do grande hotel desapareceram de uma só vez, de noite, preludio conhecido dos ataques. Um oficial garante saber que os rebeldes só atacarão quando se reunirem em numero de 10.000. Quer dizer que eles sabem que morrerão tantos que só 10.000 poderão acometer com êxito. Os olhos de alguns oficiais luzem de satisfação.

(...) Como evoluirá o seu comportamento (dos soldados)? Ainda mais do que nós, oficiais milicianos ou do quadro, eles detestam este sacrificio que nada melhora a sua condição material na cidade ou aldeia onde viviam e que lhes rouba dois anos de vida.

Que provas de coragem se podem exigir de todos nós?

O soba X enforcou-se quando soube que tinham morrido rebeldes no ataque à Damba. Perguntou primeiro se alguém fora morto. Mostraram-lhe apenas um homem. Mas houve muitos outros que lá ficaram. O Soba retirou-se para a sua casa e enforcou-se. Acto de um chefe que amava muito o seu povo e vê atraíçoadas as suas esperanças.

(Os nossos chefes) arrastam os soldados para aventuras que sabem ignobéis mas persistem no erro sem que na sua actividade se perceba sequer que deram por ele.

(...) A acção psico-social é levada a cabo sem profundidade, sem interesse, sem amizade pelo africano. Trata-se de um ardil para fazer regressar os trabalhadores e enfraquecer os nacionalistas.

(...) Numa museanda (carta) posta perto do Bungo e escrita em mau português havia algumas linhas de grande poesia: "Se o preto morre nesta guerra que é a sua, o corpo vai para a terra. Mas se tu, soldado branco, morreres aqui o teu corpo não sera recebido pela terra, morrerás longe do teu país."



(...) Muitas vezes não havia odio nessas mensagens ou contactos entre os dois campos, se bem que a morte certamente espreitasse os que caissem nas mãos dos inimigos.

(...) Alguns, verdadeiramente deslocados nesta guerra que não compreendem, nem sempre conseguem mostrar-se belicosos. Assim, uma noite, uma mulher entrou na Lucunga e atravessou a povoação calmamente até à outra ponta, desaparecendo na noite sem que as sentinelas tivessem esboçado um gesto contra ela, o que, é claro, enfureceu o oficial mais tarde, enquanto eu me divertia com a história.

(...) Os democratas portugueses residentes em Angola que apresentam os seus protestos são presos. Alguns recebem ordem de prisão sem nada terem feito e são enviados para a Metropole, com residência fixa.

(...) Pela terceira vez chego a Luanda em menos de seis meses.

O povo canta canções que são proibidas. Mas quem o pode calar? Quem pode acalmar pela repressão a sede de independência, de liberdade, que percorre Angola toda?

Maquela.

Os preparativos para a fuga estão quase prontos. Iremos pedir asilo politico ao Congo ex-Belga.

(...) Dois a três dias antes de partirmos tive de comparecer a um grande jantar de oficiais. Quando acabou, passámos todos à sala para assistirmos à passagem de fotografias coloridas de um dos oficiais, um alferes do quadro. Estavam presentes algumas das mulheres dos oficiais que não tinham vivido o passado.

... De repente, sem amenor alteração por parte do apresentador, uma outra fotografia apareceu.

Mortos coloridos, com horríveis feridas, pintavam o chão. Imperturbavel, inconsciente, o rapaz continuava a falar: "Aqui foi o ataque à Lucunga" Sempre com o mesmo gesto substituiu a fotografia por outra: "Aqui é a cabeça do chefe dos terroristas". Uma cabeça sem corpo, pousada no chão, olhando ce-



gamente para nós é impressionante de se ver.

(...) Poucos dias antes da nossa fuga, o comandante, tenente-coronel, individuo sem personalidade, dizia-nos:

"Aquilo lá em Portugal parece que esta mau. Quando lá chegarmos somos capazes de entrar em luta contra os patricios" acrescentou sorrindo maliciosamente. Mas agora já não nos poderão arrastar.

( Excerptos do livro "Guerra em Angola",  
publicado no Brasil pela Editora Brasi  
liense de S. Paulo.)



J o s e M o u r a P I M E N T A

Alferes miliciano de Infantaria

G U I N E

o o o

Abril de 1963. No quartel de Beja acabava-se o periodo de instrução preparatória. Treinávamos intensamente soldados para a guerra colonial. Vivia-se um ambiente de desespero e de expectativa. Todos os dias chegavam ao comando as cartas de mobilização. Dia a dia, via camaradas meus partirem para a Guiné ou para Angola, para Moçambique ou para Timor, para S. Tomé e Príncipe. E, num desses dias, veio a minha vez também de abandonar a pátria, de me despedir das pessoas que amava, de partir rumo à Guiné.

Em principios de Maio, um DC-6 da Força Aérea, num espaço de 6 horas, conduziu-me a Bissau, capital da Guiné "portuguesa". Noutra pista, preparava-se para descolar uma esquadilha de aviões a jacto, para as habituais missões de reconhecimento e de bombardeamento.

Do aeroporto até ao quartel-general, as estradas eram cruzadas por jipes e transportes militares. Por todo o lado, homens fardados, do Exército, da Força Aérea, da Marinha, paraquedistas e policia-militar. Na verdade, a propria Guiné constituia, ela mesmo, um vasto bivaque militar.

O primeiro choque que me provocou a paisagem humana foi o da miséria. Para além das "vil-las" de estilo colonial, de Bissau, toda a capital era envolvida por "bairros indigenas", cercados por arame farpado. Esses bairros não passavam de palhotas de adobe e telhados de colmo, onde viviam, num espaço exiguo, familias inteiras. Aquele era um dos aspectos da nossa "civilização" em terras de Africa.

Outro choque foi quando, à hora de jantar, tomei contacto com os oficiais da messe. A maior parte deles estava ali de licença, vindos do mato, onde a guerra era o dia-a-dia. No seu rosto, nos seus gestos, havia um nervosismo, um estado de tensão. Um sentimento de culpa? De medo? De cumplicidade? De frustração? De inutilidade? Talvez tudo isso simultâneamente. Na sua maioria, odiavam Salazar. Estavam fartos daquela guerra. Convencidos da inevitavel derrota. E, no entanto, dir-se-ia que não tinham sabido encontrar ainda o caminho da revolta contra aquela situação que o governo fascista e colonialista impunha.



De resto, essa sensação de mal-estar propagava-se em todas as forças armadas. O exemplo da independência da Argélia, da vitória do povo argelino sobre os colonialistas franceses, era uma realidade e uma lição.

Estive dois dias em Bissau. Recebera ordem, entretanto, de seguir para o interior, para a região de Nova Lamego.

Manhã cedo, partia num comboio militar rumo a Bafata, de onde seguiria então para Nova Lamego, no Gabu. Fazia um calor torrido, e a poeira vermelha das estradas entranhava-se na própria pele.

Ao longo da estrada, por Mansoa, Mansabà e Bafatà, a paisagem trazia a marca da guerra. Aldeias onde a aviação trouxera a morte, patenteavam apenas escombros e desolação. Noutras vezes, eram quilómetros de mato e floresta queimados pelo "napalm".

Bafatà era a sede do comando de batalhão. Ai fiquei uma noite. Depois de jantar, sai com outro alferes, até ao pequeno porto fluvial. Falamos disto e daquilo, a vida lisboeta, e a conversa acabou por centralizar-se na guerra. Em Bafatà, havia uma prisão. Segundo esse alferes me contou, alguns patriotas guineenses tinham passado por lá. Assistira a diversas sessões de tortura. Alguns tinham mesmo sucumbido às brutalidades. "Não diziam palavra sobre a sua organização e sobre os seus. Apenas nos mandavam para casa, porque aquela terra era deles e não nossa" - afirmava, com certa admiração, o oficial.

Foi também em Bafatà que, com a maior frieza e crueldade, um jovem alferes, em plena refeição, avisara o seu comandante de que no dia seguinte iria destruir uma aldeia, porque na patrulha que ai fizera "tinha sido mal recebido".

E de facto, no dia seguinte, numa operação de cerco e de "limpeza" a aldeia era incendiada, os homens, velhos e crianças, mortos, as mulheres violadas.

A pouco e pouco ia-me apercebendo que, ali, matar tornava-se uma operação rotineira. Essa ideia aterrorizava-me. Pode um homem fazer tabua-rasa de toda a sua sensibilidade e de todas as suas ideias, para se transformar numa máquina de morte?

Esta era a guerra colonial. Este o processo "civilizador" do colonialismo português. Como ficar indiferente, fechar os olhos a tanta brutalidade, a tanta injustiça?



Nova Lamogo, na região do Gabu Sara, é uma aldeia africana. O facto de existirem algumas construções de dois pisos, no velho estilo colonial, com longos varandins a toda a volta, não lhe modifica esse aspecto de aldeia. Rodeando o núcleo principal, proliferam as casotas de adobe sem reboco e de tecto de colmo, rectangulares ou redondas. Os reflexos da civilização colonial portuguesa estão bem patentes nestes "muceques" de miséria.

Dias antes, lembro-me bem, tinha comandado uma pequena escolta, numa patrulha de reconhecimento: 26 quilómetros de viatura e 30 quilómetros a pé, visitando "tabancas" de uma área: "Djarama! Bissimila djarama!" - as saudações habituais à entrada das aldeias. E fazia perguntas: Não as que devia militarmente fazer (se havia "pessoal bandido" - nacionalistas e outras no género), mas relativamente à alimentação, instrução e condições sanitárias. Escolas, só encontrei uma, com uma dúzia de bancos, sob um telheiro pequeno, num régulo. Nas restantes aldeias, nada. Os próprios habitantes não só não sabiam o português, como nem sequer falavam o crioulo. No que concerne à alimentação, um "jarga" (chefe de tabanca) pegou-me na mão e encostou-a à barriga, querendo com isso dizer que estava vazia. Escassez de arroz. As crianças nuas que me rodeavam, os homens cuja pele mal disfarçava os ossos, os pedidos de comida que tantos me faziam, eram suficientes para me encolerizar contra a miséria colonial.

Depois houve a morte de um soldado. Por acidente, rebentou-lhe uma granada espanhola no bolso. Consternação e luto. Estava como oficial de dia. Recordo-me que um camarada, que comandara um reconhecimento, pálido, pediu-me que enviasse um rádio urgente para Bissau, requisitando uma avioneta, e que tomasse providências imediatas, pois devido à explosão, havia vários soldados feridos. Veio um médico e foi enviado um rádio. A resposta de Bissau chegou: "se o soldado era branco ou negro"!!! Novo rádio urgente a pedir a vinda da avioneta, o que se aconteceu 4 horas depois. Contudo, era já quase desnecessária, pois um homem tinha morrido, não resistindo à hemorragia.

Não tenho vergonha de dizê-lo: chorei. De raiva e de dor. Assistira aos últimos minutos de vida do soldado. Chamava pela mãe, a mãe que ele jamais tomaria a ver. Era tão novo ainda. Talvez a minha idade. E pronto. Ali jazia, sem mais futuro, uma vida quebrada em plena mocidade.

Outro aspecto do ambiente colonial é a corrupção e o roubo. A Guiné era um bom terreno de negócios para homens sem escrúpulos. Vou citar apenas um exemplo.



Para toda a Guiné havia um só distribuidor de cinema. Um tipo gordo e de aspecto miserável. Quem o visse pela primeira vez, não suporia que estava perante um dos ricalhaços da região. Sempre a mesma camisa e as mesmas calças. Pois bem. Esse senhor vendia bilhetes de cinema, através dos "chefes de posto" e das autoridades gentílicas, em tabancas distantes 50 ou 70 Kms. do local de projecção. Quer dizer, obtinha um lucro 3 ou 4 vezes superior ao da receita normal, uma vez que ninguém vinha de 50 ou 70 Kms. ver cinema. Em cada sessão, quadruplicava ou quintuplicava a tiragem dos bilhetes, dando uma percentagem às autoridades administrativas locais. Estas, por sua vez, obrigavam as pessoas da sua circunscrição a comprarem o bilhete. Dizia o capitão, a rir-se, que os aldeãos pensavam tratar-se de mais um imposto. E divertia-se muito com essa história do "imposto do cinema"...

Domingo, 26 de Maio. O capitão pede-me que vá comandar o pequeno destacamento que comporta a equipa militar de futebol de Nova Lamego. Irá defrontar-se, pela tarde, com a equipa militar de Piche, jogo a realizar nesta ultima povoação. (Entre parêntesis, para uma melhor compreensão, indico que Nova Lamego fica a 70 Kms. da fronteira com a Republica da Guiné, e Piche situa-se sensivelmente a meio-caminho entre aquela e esta). Recomenda-me que regresse cedo, pois o "Unimog" tem os faróis avariados.

14 horas. Sol impiedoso. A propria terra é um braseiro. Na estrada, o jipe e a pequena camioneta. Os soldados trocam graças, pois o futebol é sempre bom motivo para se esquecerem de que há uma guerra. Comove-me essa alegria natural. Quem sabe se muitos deles, que agora se divertem infantilmente, não cairão passado algum tempo em defesa da Companhia União Fabril ou da Ultramarina? Quando tomariam eles consciência de que estão a ser vitimas de mitos criados pelos fascistas para esconderem vis interesses? Quando reparariam que estavam a praticar, nas colónias, uma acção odiosa, reprimindo os desejos de liberdade de um povo? Quando veriam eles que tinham sido enganados por banqueiros e por generais?

-Tudo pronto? Em marcha, rapazes!

Os motores roncam, os carros rolam primeiro lentos, depois mais rapidos, seguros da sua rota. Atras, uma cortina de pó. De cada lado do caminho, o mato. De vez em quando, uma ponte de madeira sobre um rio ergue um ruido seco à passagem das viaturas. Depois, Piche à vista...

Paramos num pequeno largo, logo rodeados por varios militares que nos saudam. A rivalida-



de entre os adversários começa, num ambiente de franco optimismo e de camaradagem. Ainda o desafio não teve inicio, e já se estão a desafiar...

Entretanto, uma placa indica Buruntuma a 37 Kms.. Ai se encontra a fronteira...

Foi nesse mesmo dia que cheguei à Republica da Guiné...

O exilio começava ali, em Kandika, posto fronteiriço de um país livre de Africa. Mas o exilio não significa immobilismo. A luta continuava. Sabia que, em breve, estaria em contacto com as organizações anti-fascistas e anti-colonialistas que lutavam em Portugal. E sabia que, desta vez, iria participar num combate justo e pelo qual estava disposto a dar a vida: o combate pela felicidade do povo português.

Por outro lado, a maneira como nós, desertores, somos acolhidos pelos companheiros militantes do PAIGC, é a manifestação desta certeza: a de que um dia breve, os povos irmãos de um Portugal e de uma Guiné, libertos ambos da opressão e do mesmo inimigo, independentes e livres, saberão unir-se lado a lado, -contra o imperialismo, pela paz, pela amizade, pelo progresso e pela felicidade dos povos do mundo inteiro.



Alberto Coelão PINTO

Cabo miliciano de Infantaria A N G O L A

o o o

6 de Fevereiro de 1961

Grande tensão entre oficiais e comandantes. Certos soldados como eu começam a procurar saber o que se passa. A rádio não diz nada de verdadeiro. No entanto diz-se que em Angola houve qualquer coisa, mortos e feridos, muitos. Soldados que estavam de licença regressam aos quartéis e são chamados mesmo aqueles que já tinham cumprido o serviço militar. Muitos deles casados e com filhos, outros com a Mãe a seu cargo. Os soldados chegam ao quartel sempre desesperados pois o serviço militar em Portugal é um serviço de escravos em todos os aspectos. A alimentação é deficiente. Os vagons que transportam os soldados são cavalariças autênticas, apenas lavadas mas não desinfectadas. As janelas dessas cavalariças não são mais do que ferros grossos postos ao cumprido, para se tomar ar, como nas prisões políticas. A instrução é das mais duras, quase insuportável. As camas são panos por cima de pequenas barras de ferro onde dormem centenas de soldados, isto no quartel general de Tomar. Eu fui testemunha desta situação quando fiz parte dos campeonatos desportivos de 60/61.

Tive de dormir no chão duas semanas. Os sargentos e os cabos da instrução não tem outro sistema para ensinar senão o pontapé no trazeiro e o insulto. Este é o começo da perda do moral que nos leva em geral a um completo desespero. No Forte de Elvas o serviço obrigatório é de 18 meses pela lei antiga, mas actualmente não há tempo contado e muitos soldados que terminaram os tres anos de serviço e se encontram já em casa com a mulher e os filhos, são obrigados a ir para Angola ou para as outras colónias, morrerem nessa luta que não lhes interessa e deixarem na miséria as famílias que não tem meios de manutenção para viver.

Quando começou a mobilização para fazer a guerra de Angola os primeiros soldados nem sequer sabiam para onde iam, e só sabiam que estavam em Angola quando desciam do avião. Isto quer dizer que poucos soldados, em Portugal, estejam de acordo com as lutas coloniais nem com o serviço militar obrigatório. Por estes e outros motivos a policia do exército português só é favorável aos oficiais superiores e comandantes em busca de postos que lhes encham cada vez mais as barrigas. Mas quando não há vontade o mal sempre se sabe. Não foi preciso muito para se conhecer a noticia de que em Angola rebentava a guerra e não outra coisa, quando os soldados dos



anos anteriores foram quase todos chamados ao serviço. Assim se compreendeu que os soldados deste ano 1960/61, teriam de ir para Angola.

19 de Abril.

No quartel de Infantaria nº2 de Abrantes foi mobilizada uma Companhia, que com outra do 7 de Leiria e uma de Tomar formou um batalhão. Tres dias antes tinha ido outra de avião. Nessa altura já não havia segredo nenhum e todos sabiam para onde iam. Logo ali muitos dos que foram às suas terras despedir-se das familias compreenderam que mais vale 4 anos de forte de Elvas com o barril às costas do que ir morrer numa guerra, na qual os seus interesses não são absolutamente nenhuns.

20 de Abril.

Os portões do quartel estavam fechados. Ninguém podia sair, e depois duma grande parada, foram-nos distribuidas as fardas e ao mesmo tempo, ordem para seguirmos de autocarro à meia noite para a Estação de Caminho de Ferro. Entretanto, fora do quartel centenas de pessoas agarradas às grades do portão, choravam pela sorte que esperava aos seus entes queridos; assim, todas as pessoas vendo que não podiam abraçar pela última vez os seus filhos, foram em direcção à Estação. Ao chegarmos, mulheres homens e crianças formaram um coro comovente, os soldados que entraram directamente para dentro dos vagões, não viam sequer os seus Pais ou amigos, pois a policia militar e civil formaram cordões para evitar o contacto, entre as familias e os soldados. Assim partimos em direcção a Lisboa, deixando aquela triste gente sem os seus filhos, vendo os talvez pela ultima vez.

21 de Abril.

Embarcamos em Lisboa com destino a Angola. Ao entrar no barco que tinha como nome Niassa, as nossas tristezas eram o ponto numero um; em baixo viam-se milhares de pessoas chorando pela sorte que nos esperava. Os comandantes e os restantes oficiais foram chamados à sala de reuniões, à presença do ministro da Defesa que tinha sido nomeado há dois dias. Mais tarde distribuíram-nos camaratas. Eram os porões das merceadorias. Eu, fiquei em cima das hélices e escusado será dizer que passei toda a viagem a dormir no convés. Os oficiais começaram por proibir de dormirmos ali, mas no nosso desespero não ouviamos nem os oficiais nem os comandantes.

A situação era grave e por isso já antes do desembarque os comandantes procuraram mostrar-se simpáticos aos olhos dos soldados.

No que diz respeito ao comer poucas eram as melhoras em comparação com a do quartel, em Portugal. As terrinas onde era metida a comida estavam cheias de ferrugem. Eu e muitos outros, não comiamos a carne, porque cheirava e sabia mal, pois era carne congelada.



Quem quisesse carne tinha de pagar do seu bolso bolachas e cerveja. No que diz respeito ao moral, era de sem esperança para todos. Os casados que deixavam dois e três filhos não faziam mais do que lamentar a sua sorte. Alguns não comiam e tínhamos de tratar deles. A partir do terceiro dia de viagem, começou a haver instrução teórica, que era dada pelo doutor da Companhia. Ele explicava-nos os métodos mais higiênicos de obter recursos em situação difícil. Depois iríamos saber o que se estava a passar em Angola, e qual o sistema que teríamos de usar, teoria esta dada pelos sargentos, isto é, os porta-vozes dos comandantes. Claro que, como se sabe, começavam por dizer que tivéssemos cuidado com os calcinhas, que andam sempre defeca no bolso e que nos matavam pelas costas; que dentro de Luanda não podíamos andar sós, e que teríamos de trazer connosco a faca de mato e a pistola; que o preto era malandro, que o brancotrabalhava para o preto, que aqueles que não trabalhavam tinham de levar chicotadas, e que em casa quem trabalhava era a mulher do preto, porque ele só gostava de dormir ao sol; que não podíamos dar-lhe confiança porque são muitos traidores, etc..

3 de Maio.

Chegamos a Luanda. Muitas lanchas a motor vieram dar-nos as boas-vindas. Os que as ocupavam sentiam-se com uma enorme alegria, pois julgavam-se seguros ao verem três mil homens para defenderem os seus interesses e capitais. Logo que o barco encostou, qual foi o meu espanto ao ver uma grande fila de angolanos todos vestidos de calção branco e camisa azul. Deu-me a impressão que eram prisioneiros. Uns minutos depois um branco que conduzia um tractor para transporte de grandes cargas deu uma trombada de lado num deles, que logo caiu por terra. Era um rapaz novo e logo se levantou a manquejar: conseguiu-se encostar à parede, e eu pensei para mim que se as coisas se tivessem passado ao contrário seguir-se-ia a morte desse jovem.

Descemos para um grande recinto onde uma fanfarra de Angolanos tocava várias marchas. Ao lado estavam uns camiões para levarem as malas, porque iamos desfilar perante o governador. De passagem vi muitas bandeiras nacionais nas mãos dos brancos, entre os quais muitas mulheres choravam. Quer dizer, nós eramos os salva-vidas deles. Quanto aos angolanos não tinham o mesmo ânimo que os outros: ao contrário, sentiam-se contraídos na sua presença.

Logo a seguir fomos levados ao quartel, que era um antigo liceu. Os colchões estavam pousados no chão. A ordem do comandante era esta: quem quiser que se desenrasque. A noite deu-se a primeira cena comparável às de Portugal. O capitão que estava de serviço proibiu todos os soldados de saírem e ordenou que fossem buscar camas de ferro para o primeiro andar. Como ninguém obedecesse, e ele visse que ainda não tínhamos munições,



deu dois tiros para o ar; foram acolhidos com assobios de todos os cantos. Com esta reacção o capitão atirou-se ao soco a um soldado. Novamente assobios. Como não pudesse fazer nada, o capitão aceitou ir-se embora. No outro dia, os civis fizeram das suas, como de costume? Raro era o dia em que nas ruas não corresse sangue, devido aos crimes dos colonialistas. Em conversa com alguns angolanos e civis europeus contaram-me eles que, a quando do 4 de Fevereiro, dia do levantamento em Luanda, em que os nacionalistas assaltaram as cadeias para libertarem os presos políticos, houve muitos mortos no Cacuaco. Em muitas repartições do Estado já era difícil naquela altura ver-se um homem de côr. Muitos tinham fugido ou sido mortos.

Entratanto começavam os preparativos para seguirmos para o mato.

13 de Maio - 6 horas da manhã.

Partimos sem destino conhecido. Ao passarmos por Catete, uma pequena vila que fica perto de Luanda, vimos as sanzalas queimadas e meia-duzia de angolanos. Na estrada estavam os voluntários, que matavam pelo interesse de serem bem pagos. Por onde passavam deixavam o terror.

Chegamos a Vila Salazar, cópia de Catete: sanzalas queimadas e meia-duzia de angolanos. No mercado vi um comerciante a fazer gestos indecentes com uma jovem que tinha talvez os seus dezassete anos. Os presentes não gostaram daquela cena, e a jovem, ao ver-se livre daquele indesejável, fugiu a correr, pois para ela era uma vergonha, e não podia discutir nem vingar-se. Fomos dormir a Lucala. A procurar qualquer coisa para comer entrei numa adega. Numa mesa sentavam-se quatro paraquedistas. Mandeí vir uma cerveja, e nesse momento os paraquedistas repararam em mim todo sujo e perguntaram donde vinha. Respondi que vinha de Luanda. Continuando a conversa, começaram por dizer se eu queria uma mulher. Naquela altura, começando pelos civis, tinham o prazer de obrigar aquelas infelizes mulheres, e muitas jovens de 14 anos, a deixarem que eles se satisfizessem, não por vontade delas, mas porque eram obrigadas com ameaças de morte.

Numa das poucas vezes que falei com uma jovem, ela contou-me que muitas das suas amigas foram forçadas e raptadas para lugares distantes do centro de Luanda, e ali se satisfiziam nelas dois ou mais homens, que lhes faziam tudo o que achassem de bom, e muitas vezes ainda lhes davam tarefa. Disse-me que por várias vezes fora forçada a dormir no local do seu trabalho, porque na rua esperavam por ela.

Quando estava na tal adega o comerciante disse: dêem-lhe a mais nova, que a mais velha já não presta. Analisando isto, compreendi que em Angola não havia direitos civicos mesmo para as jovens.

Passei a noite nos fornos de cerâmica de Lucala, que na altura já não trabalhava por fal-



ta de operários, uns mortos, outros fugidos. No dia seguinte partimos de manhã cedo. As chuvas caíam com abundância. Os caminhos em mau estado não permitiam que andássemos muito. Passamos a primeira noite em plena floresta. Montaram-se as guardas e o resto dormia dentro dos jipões. Mas ninguém dormia. A chuva e o medo estavam acima de todas as coisas. Mais tarde chegamos a Camabatela. Pelos caminhos, tudo estava abandonado, as sanzalas desertas, apenas se via a criação e em grandes quantidades - cabras, porcos, galinhas, etc.- Camabatela era uma pequena localidade com uns prédios de boa construção. Havia uma grande igreja que nessa altura era um quartel para fortalecer a localidade. Muitos dos colonos fugidos do mato, estavam ali refugiados, porque se sentiam mais ou menos seguros. Depois de um bom e merecido banho fui comer ao pequeno restaurante, quase cheio de colonos, que com grandes gargalhadas comentavam os seus feitos criminosos. Recordo-me que numa das mesas estavam seis indivíduos. Como se nada fosse, um deles dizia em voz alta e vaidoso: -"Eh! Pá! E o que dizes ontem àquela velha que ia a fugir? Caiu apenas com um tiro". Outro disse: -"Hoje vai ser o meu dia. Quantos vir, quantos mato!" Todos desataram às gargalhadas e um deles ergueu um copo numa saude. Bebiem à saude dos mortos, inocentes velhos, jovens ou crianças. Era um prazer carregar no gatilho, para a raça ser exterminada. Tais eram as intensões de todos os colonialistas, que para isso recebiam toda a liberdade e ordens de Salazar.

De Camabatela, onde parámos dois dias, para recebermos reabastecimentos, logo partimos em direcção a Negage, sempre com dificuldades devido ao mau estado das estradas. Chegamos à tardinha, e fomos acampar no campo de futebol. Depois de prepararmos o campo de tiro, foi dada ordem para irem dormir ao clube os que não estivessem de serviço.

A cidade fora ocupada pelos paraquedistas, que tinham em quase todas as casas as suas posições de defesa: sacos de areia, grossas paredes, etc..

Cada casa, que estava mais ou menos sujeita aos ataques, era uma fortaleza ocupada pelos paraquedistas. Eram 7 da tarde e era noite. Muito perto do club, e em volta de uma grande casa, estavam muitas pessoas, civis e militares. Perguntei o que se passava e disseram-me que os terroristas estavam a ser interrogados. A entrada era proibida, e mesmo na estrada não deixavam estacionar. No entanto, nós, por vezes, não respeitávamos as ordens. A certa altura entrei até junto de uma janela onde se via luz. Ao espreitar para dentro vi dois colonos e dois cipaios, estes com uma pesada moça e um chicote cada um, e um dos 19 que iam ser interrogados naquele dia. Os dois civis sentados numa mesa, apontavam qualquer coisa. Em geral, os angolanos preferiam levar porrada e serem torturados a falar. A alguns até lhes tiravam pedaços de carne à força das mocadas e das chicotadas. Diziam os civis que eles mesmo a morrer gritavam Lumumba. A prisão onde eram metidos estes ho-



mensurera a cabine onde trabalhava o grande motor que fornecia energia eléctrica à cidade. Muitos dos que tinham passado por ali, morriam asfixiados. Nesse dia eram 19, mas segundo me contou um paraquedista a média dos dias anteriores andava por trinta, e todos os que entrassem eram mortos. Assim soube que no dia seguinte de manhã, pelas 6 horas, se faria a execução. Sem perder a coragem, consegui ir assistir. Acompanhavam-me dois colegas, e lá fomos em direcção ao local, que ficava a um quilómetro da cidade. Ao chegarmos vi um tractor, numa grande extensão de terra entre duas matas. No terreno, havia varios vestígios de muitas outras valas abertas para enterrar os angolanos que ali matavam dia após dia. Por volta das 6.30 h. vi chegar uma camioneta repleta de civis, com alguns soldados. Os condenados à morte serviam de assento aos matadores que faziam dos corpos humanos passadeiras para pousarem e limparem os pés. Logo após a camioneta ter passado, um dos civis dirigiu-se a nós com um ar insultuoso e perguntou-nos para que estavamos ali. Não respondemos. Era da administração e suponho que um dos responsáveis pelos crimes. Deu ordens para pôr a camioneta com a trazeira voltada para a grande vala. Ao lado desta, estavam duas dezenas de civis, e entre eles alguns oficiais e soldados. As ordens dadas por esse tipo começavam por:- "Vá, desce, corre para ali"(em direcção à vala). A meio caminho disparavam uma rajada de tiros, vindos sobretudo das espingardas dos civis. Assim contaram 17. Os dois que faltavam estavam amarrados pelas mãos, um ao outro e já mortos. Tinham sido cortados à catanada por um dos civis. Um deles foi cortado pelo pescôço e em vários sitios. Ao outro enfiaram-lhe a catana desde o começo da coluna vertebral até ao pescôço. Ainda fizeram mais, mas já não consegui ver... Os soldados diziam que cortaram as orelhas e outros órgãos, como testiculos, olhos, etc.. Estas cenas repetiam-se ali todos os dias. Muitos dos soldados ao verem e saberem como os colonialistas faziam os massacres ficaram completamente abatidos. Estes crimes estavam acima de tudo quanto se conhecia até aqui.

Entratanto, dizia-se que a estrada que ligava Negage ao Bungo, estava cheia de obstáculos e que os nacionalistas ocupavam a zona. Depois de recebermos instruções práticas para combatermos as guerrilhas, deram-nos orden para seguirmos no dia seguinte de manhã, com destino ao Bungo. Ao fim de 8 horas de caninho, ao passarmos uma ponte, e na curva seguinte, fomos atacados de surpresa. Já tinhamos levantado centenas de árvores deitadas sobre a estrada. Nesse momento não havia soldados que não tivessem medo. Muitos choravam e gritavam pela mãe. Outros escondiam-se no interior dos jipões. Os nacionalistas atacavam com canhangulos. Ao longe ouvia-se uma metralhadora automática. A frente do jipão que eu ocupava, seguia um grande autocarro que levava uns guardas fiscais e duas ou três mulheres. O motorista era o patrão e foi a primeira vitima do combate. Eu, armado de uma me-



tralhadora, não tive coragem para disparar contra os nacionalistas. Os homens que mataram eram três, e depois de dispararem as suas armas, correram para ele, e com as catanãs e deram-lhe mais golpes. Eu poderia ter evitado isto, mas teria de matar três homens cuja causa era justa.

Após uns instantes, o comandante do pelotão, que tinha perdido a cabeça, gritou para mim: - "Faz fogo, 580!" Eu respondi que a metralhadora estava encravada, o que não era verdade, mas a consciência não me deixava abrir fogo. Esta guerra não tinha fins e interesses para o povo, mas sim para meia dúzia de monopólios nacionais e internacionais que exploram o povo angolano.

Os três nacionalistas, depois de terem liquidado o motorista, patrão da companhia de transportes, atravessaram a estrada. Creio que um deles foi atingido pela descarga da metralhadora do sargento que ia a meu lado. O conductor do jipão foi atingido nos dedos e nos olhos por fragmentos de pólvora, pouca coisa, mas teve de abandonar o lugar.

Continuamos andando devagar, talvez uns 10 Kms. por dia, porque a estrada estava interrompida de poucos em poucos metros. Dali em diante foram frequentes os ataques. Durante dias mal comíamos. Apenas nos davam café e uma lata de sardinhas. Nós, os soldados, fizemos ver o nosso descontentamento ao comandante. As chuvas continuavam a cair, o que ajudava os nacionalistas, que esperavam estes momentos para atacarem.

Numa noite, o "catterpillar" arrasou por completo uma sanzala, para nós termos melhor visão. Os nacionalistas, ao verem as suas casas abatidas, enraivecera-se e tentaram vingar-se fosse de que maneira fosse. Durante a noite, um deles subiu para uma árvore a cerca de vinte metros somente, e outro encostou-se à mesma árvore. As 5 da manhã, atiraram e feriram três soldados, mas morreram por causa da sua falta de tática militar. Depois de mortos, um dos comerciantes que seguia na coluna, autêntico sanguinário, cortou-lhes o pescoço e enfiou-lhes um arame pelo pescoço que fez sair pela boca e pendurou-lhes as cabeças no meio da estrada. Este comerciante que tinha o nome de Carvalho, era um tipo forte. Enquanto fazia estas miseráveis acções, dizia com a sua voz nojenta, que em Luanda fizera o mesmo a dezenas de angolanos. Falava, como se matar homens para ele fosse matar formigas, e chegou a dizer que os soldados não prestavam, que eram medrosos, e que preferia ver três soldados mortos, a receber um tiro na sua camioneta. Essas frases levaram um furriel a exaltar-se. Apontou-lhe a metralhadora à cabeça e disse-lhe que disparava se ele repetisse a frase. Eu estava presente, e como não podia ficar inóvel, ameacei igualmente o sanguinário.

Ao ouvirem estas coisas, e os insultos que a todo o momento dirigia ao seu empregado preto, sempre como filho da mãe isto, filho da mãe aquilo, os soldados diziam que era



por causa de todas estas coisas que estavamos sujeitos a morrer e que estavamos a defender uma coisa que não nos dizia respeito.

Continuamos o caminho com a estrada cheia de obstáculos. Por vingança o exército incendiava as sanzalas e procurava os esconderijos onde se encontrava comida, para a queimar. Durante as buscas, os civis que nos acompanhavam, aproveitavam para saquear as coisas que os angolanos deixavam, objectos, mas sobretudo, galinhas, porcos e cabras.

Deste modo alcançamos 31 de Janeiro, uma pequena povoação que tinha um campo para as avio-  
netas aterrarem, e que tinha sido abandonada uma vez pelos colonialistas. As casas de negócios não tinham sido assaltadas nessa altura. Mais tarde, os paraquedistas vieram, e ocuparam sem resistência os postos de defesa. Os nacionalistas não saquearam os pequenos e grandes comércios, por não serem os seus fins roubar e saquear, mas sim a Independência, a libertação da escravidão. Em 31 de Janeiro, onde tivemos de ficar uns dias, tomamos imediatamente as posições de defesa, pois os nacionalistas andavam ali muito perto. Os grandes proprietários já tinham fugido para Luanda, apenas os seus empregados, ou alguns pequenos comerciantes, ali tinham ficado ou voltado do seu refúgio que fora a Damba.

Três dias depois, novamente partimos com destino à Damba. Durante o percurso varios ataques e grandes obstáculos. Numa das sanzalas, encontramos um jovem que não falava português. Diziam os civis que era maluco. Tinha o calcanhar direito pôdre, não sei se por balas de colonos.

Na Damba os civis acolheram-nos com grande alegria, porque viam em nós os seus guarda-costas. A Damba é uma pequena cidade com boas casas, em geral de comércio, de amendoim e mandioca sobretudo, que os comerciantes compram aos angolanos por baixa quantia e vendem a bom preço mais tarde em Luanda. Foi na Damba que vi mais angolanos. As sanzalas estavam tranquilas. A missão tinha sido atacada numa altura em que havia pouca tropa. Foram então mortos um militar e um padre, e enterrados por detrás da capela. Precisamente no dia em que chegou todo o batalhão houve um ataque dos nacionalistas, não sei se por vontade dos nacionalistas, se por ordens dadas pelos dirigentes. O que sei dizer é que não poderia concordar com tal aventura, pois nós eramos um batalhão, e os nacionalistas poderiam ser, no maximo, uns 40. Quero dizer que a força numérica e as condições de armamento eram de completa inferioridade. O resultado foram 9 mortos e varios feridos. Em conclusão, falta de informação por parte deles, e um ataque feito sem qualquer possibilidade de êxito. Só não ficaram todos prisioneiros, porque os soldados portugueses não têm qualquer vontade de lutar, e esperam apenas pelos dois anos de tempo nas colónias para regressarem sãos e salvos às suas terras, em Portugal, porquem, ai sim, dariam a sua vida na luta.

Na Damba, havia um pequeno hospital com algumas casitas, sem camas e esburacadas, um mé-



dico, varios enfermeiros angolanos e um português. Os comerciantes tinham, em geral, enviado as suas mulheres brancas para Luanda, e ficaram com as angolanas que compravam, não às famílias mas aos cipaio. Recordo-me ainda de ter ouvido um comerciante dizer a um cipaio para ir buscar uma rapariga para ele. O cipaio pediu 2.000 escudos. O comerciante concordou, mas deu-lhe apenas 1.000, dizendo nessa altura que trouxesse a rapariga, e que só então lha daria os outros 1.000.

Para os comerciantes, o colonialismo permite-lhes fazer negociatas de primeira. Nas mercearias ha sempre duas qualidades de produtos, para brancos e para pretos. Um dia pedi um copo de abafado. Eu sabia que este produto estava numa pipa. Quando vi que ele deitava o conteúdo de um garrafão, perguntei: -"Onde esta o abafado? Não esta naquela pipa?" O comerciante ladrão respondeu: -"nã!... Este é para os brancos e aquele é para os pretos".

Por este exemplo pode avaliar-se o que sucedia no resto, como no vinho que era metade agua metade vinho, assim como na aguardente. Nos artigos de vestir e nos livros de escola, uma autêntica roubalheira. Note-se que os angolanos conheciam tudo isto, mas não tinham o direito de protestar. Se o fizessem eram espancados, e agora, em plena guerra, os colonialistas achariam bons pretextos para mata-los, acusando-os de "terroristas". Aproveitando-se da crise, os comerciantes roubavam igualmente os soldados. Na Damba, uma cerveja era vendida a 12,50, em vez do preço fixo de 8,50. E quando os soldados protestavam, eles alegavam que o transporte era muito caro. Ainda pensamos em fazer como es paquedistas, que tinham feito explodir uma granada dentro de um estabelecimento. A situação era de tal forma tensa, que os comerciantes fechavam as portas, até os soldados acalmarem nas suas discussões.

Estivemos uns dias a descansar na Damba. A escola era o nosso refeitório, assim como servia de depósito de munições e de todos os objectos que pertenciam à Companhia. Numa ocasião em que não havia que comer, o comandante ordenou que fossemos às sanzalas roubar os porcos. Era, portanto, o proprio Exército, que dava o exemplo da rapina e do saque. Mas os comerciantes, além de ladroes, eram também salteadores. Não me esqueço do guia que recebemos a partir da Damba. Era um colono que conhecia bem os caminhos do mato. Quando ele soube que um proprietário angolano, que possuia uma boa e grande fazenda, tinha sido morto, e como naqueles momentos não havia leis, ele disse ao comandante que aquela fazenda lhe pertencia, e que a altura era propicia para a colheita. Foi chamar contratados a uma outra fazenda das redondezas, e assim começou uma grande pilhagem, imitando outros colonialistas.

Em 31 de Janeiro, um dos comerciantes apoderou-se de uma vara de porcos que pertencia a



um angolano. E quem diz porcos, diz cabras, galinhas e outras coisas mais. Além do matarem ainda roubavam. Muitos deles, de resto, matam para roubar, e desta maneira, as pequenas fazendas que pertenciam aos angolanos, passaram a ser dos europeus.

Dias depois fomos enviados para Lucunga, sempre sujeitos a ataques. Lucunga era formada por uma rua apenas, com algumas casas construídas para durar, e todas de comércio, não para venderem, mas para comprarem artigos como café, amendoim, mandioca, banana, etc..

Um dos comerciantes contava que havia dias em que compravam 4.000 quilos de amendoim a dois escudos cada quilo. Em Luanda, vendiam-no a 4,50 o quilo. Quer dizer que ganhavam perto de 125%, o que explica o seu rápido processo de enriquecimento.

De Lucunga, fomos levar reabastecimentos ao Bembe, sempre passando dificuldades. O Bembe é uma cidade-fortaleza, onde ante se fizera muito comércio. A porta da fortaleza fora enterrado um soldado conductor morto há dois dias pelos nacionalistas. Os soldados que aí se encontravam não saíam dela. Nem mesmo ir à água queriam.

No dia em que lá chegamos, duas avionetas largaram medicamentos e água, mas ao caírem no chão rebentaram os recipientes. No dia seguinte, os nacionalistas feriram gravemente dois dos nossos soldados, de regresso para Lucunga. Pediu-se um avião de Luanda para os transportar.

Quando regressamos à Damba, foi-nos transmitido que devíamos ocupar a Lembua, uma pequena localidade com 9 casas de comércio. Ao sairmos de uma fazenda, a 45 quilómetros do destino, tivemos grandes obstáculos pela frente. A estrada estava em muito mau estado, e os nacionalistas tinham-na cortado em vários pontos, e inclusive arruinado, quase por completo, uma ponte que dava passagem. Nesse dia não alcançamos o objectivo e passamos a noite numa das maiores fazendas do norte de Angola, completamente destruída.

Disseram-nos que esses colonos roubavam muito os contratados. No grande largo em que secavam o café, estavam bidões e estacas enterradas, para que nem os aviadores, nem os paraquedistas aterrasssem ali. Em volta das casas destruídas, e da grande casa do senhor, havia muita fruta. O comandante da Companhia, que julgava que os nacionalistas morriam de fome, ficou convencido de que se dava o contrário.

De manhã cedo partimos para a Lembua. Depois de escalarmos uma grande e perigosa encosta, onde foi preciso que todos os soldados saíssem para empurrarem os jipões, fomos atacados umas curvas adiante pelos nacionalistas, que aliás não feriram ninguém. Assim chegamos e ocupamos a Lembua. Não ficara telha em nenhuma das casas. Era a vingança de um povo farto da opressão, e que ainda, por essa altura, não tinha armas para resistir ao inimigo. O tractor começou a arrasar uma das grandes sanzalas que se encontravam no alto de um monte, para preparar um pequeno campo de aviação. Se a tal ponte em mau estado



fosse destruída não poderíamos receber abastecimentos. A povoação era cercada por matas. Numa noite foram disparados alguns tiros pelos nacionalistas que nos puseram em alvoroço. Durante o dia havia postos montados, e muitas vezes por volta do meio-dia, até às três horas, disparavam contra nós meia-duzia de tiros. Um dia, o comandante mandou preparar os morteiros e apontou-os para um certo ponto. Por falta de conhecimentos e de maus cálculos, as granadas iam cair muito longe do objectivo.

Fazíamos várias patrulhas entre Demba e Lucunga. Passado um mês fomos para uma grande plantação que ficava entre as duas localidades. Ao chegarmos, um dos capatazes dos contratados comunicou ao comandante que havia homens muito doentes. Por azar, o médico da Companhia só chegava no dia seguinte. O comandante comunicou com o médico, e este por sua vez convidou-me a acompanhá-lo, o que aceitei de boa vontade. Nesse dia não havia enfermeiros, pois tinham ficado na Lembua. A casa principal da roça só tinha as paredes, o telhado não existia. Os contratados dormiam ali em condições miseráveis, sem mantas nem outros agasalhos que não fossem os calções e as camisas esfarrapadas. De noite, fazia muito frio e o cacimbo caía abundante. Encontramos 42 homens em estado grave, entre os quais alguns urinavam sangue, com 39 e 40 graus de febre; outros, doentes dos pulmões. Era preciso coragem para se ver esta miséria. Tirei a camisola interior e dei-a a um velho que estava de tronco nu; mal podia falar. Em parte, a causa desta situação estava na fome e no trabalho forçado a que eram obrigados os doentes. Estavam sem qualquer assistência médica há quinze e mais dias. O médico fez o que pôde para salvar-lhes a vida. Não tardou a aplicar-lhes injeções e enviou um pedido pela radio exigindo que estes homens fossem hospitalizados o mais rapidamente possível.

Isto era apenas uma amostra do que se passa pelas plantações. Ali trabalhavam 400 contratados sem médico nem enfermeiros, nem mesmo uma aspirina para uma dor de cabeça. Por vontade dos colonialistas, os contratados, ou melhor, os escravos morreriam sem quaisquer socorros. Também não me esqueço da comida que eu vi, mais de uma vez, darem aos contratados: feijão pôdre cheio de caruncho e farinha de mandioca muito escura, e peixe estragado. Era tudo.

Os horários eram os seguintes: trabalho desde as 5 da manhã até às 6 da tarde, e, por vezes, até à noite; aí por volta das 8 ou 9 horas iam recolher o café que secava durante o dia.

o o o

Assim é a vida dos Angolanos. Forçados a trabalhar, explorados, roubados e sujeitos a grandes discriminações. Salazar diz a respeito de tudo isto que a liberdade e a igualdade



de direitos é geral tanto em Portugal como nas chamadas "provincias ultramarinas". Ele bem sabe que mente ao dizer estas coisas, e sabe também que as colonias não são portuguesas nem pertencem por direito aos portugueses. Elas pertencem aos africanos de Angola, Moçambique, Guiné chamada portuguesa e Cabo-Verde e dentro em pouco eles conquistá-la -ão porque o desejo de liberdade não pode ser vencido nem por Salazar nem pelos seus aliados imperialistas. E para estes que mata, explora e rouba ao ponto de copiar os crimes dos nazistas de Hitler, só para aterrorizar aqueles que lutam por aquilo que lhes pertence .

Estou convencido que os Povos oprimidos não perderão a coragem e que lutarão até ao último minuto pela sua Independência.

Dia 3 de Outubro - Maquela do Zombo - Não tenho outra ideia em mim senão desertar , para assim fugir a uma situação contrária às minhas ideias.

Dia 8 de Outubro - De caminho para Maquela do Zombo passei por Quibolco e Mavoio. A primeira quase não existia. A pequena vila fora martir nos grandes massacres feitos a altas horas da noite pelas milicias pagas pelo monopólio das minas de cobre, destruindo tudo no seu caminho criminoso, matando mesmo inocentes craincinhas. E é por isso que eu digo que Salazar ordenava a exterminação da raça. E o mesmo que Hitler quis fazer com o mundo. Hitler e os nazis tanto queriam, que acabaram por perder tudo. E é o que espera Salazar junto com os seus amigos monopolistas. Esses morrerão, mas o Povo que desejavam exterminar, ficará e viverá em paz <sup>num</sup> mundo melhor.

26 de Outubro de 1961- As três e meia da tarde tinhamos tudo preparado. Eu e o meu companheiro metemo-nos a caminho. Dois dias antes tinhamos tentado a fuga, nas fonos apanhados pelas patrulhas. A meia-noite entramos na Republica do Congo. Mas so às quatro da manhã chegamos ao posto fronteiriço. Ai estivemos presos e anarrados. Transportaram-nos para Léopoldville, e depois de expôrnos as causas que nos levaram à deserção, fomos postos em liberdade.

Agora, como exilado, não faço mais do que o meu dever: lutar quando for preciso pela liberdade, não importa em que País for, Angola, Moçambique, Guiné chamada portuguesa, e mesmo no Viet-Nam. O que conta é a liberdade e a paz no mundo para que haja uma melhor situação.

Abaixo o colonialismo! Viva a luta dos Povos oprimidos pelo colonialismo e pelo imperialismo no mundo inteiro! Unidos, todos contra o imperialismo, VENCEREMOS!



Rui Jorge PIRES

soldado de Infantaria

G U I N É

o o o

Era preciso acabar com a guerra - este era o pensamento que todos nós, soldados expedicionários, na Guiné, dizíamos.

Já algum tempo passou sobre a minha deserção. Mas tudo está vivo ainda na memória: esse acontecimento, e os motivos que me lavaram à revolta. É difícil esquecer uma guerra colonial...

o o o

Chamo-me Rui Pires, soldado nº 1797/63, da Companhia de Artilharia 565, com sede em Fulacunda.

Embarquei para a Guiné no dia 12 de Outubro de 1963, tendo começado por prestar serviço em Bissau, donde fui transferido para Fulacunda passados 2 meses.

É certo que, quando cheguei à Guiné, eu pensava de uma maneira muito diferente, e não me passava pela cabeça a ideia de desertar. É que em Portugal, o soldado português é vilmente enganado, pois através de uma campanha mentirosa, fazem-nos crer que os povos coloniais não têm razão, e que a luta que se trava não é a luta deles, mas a luta de terroristas que vêm do exterior provocar a "desordem".

Mas quando se vive na Guiné, todo o castelo de mentiras dos colonialistas cá. A verdade salta a vista. Todos nós conhecemos como são tratadas as populações nativas. Todos nós conhecemos e vimos com os próprios olhos cometerem-se crimes horrorosos que são a vergonha de uma nação que se diz civilizada.

Entre muitos casos que me chocaram profundamente, lembro-me de que no dia 26 de Dezembro de 1963, às duas horas da madrugada, sai do quartel fazendo parte de uma força de 2 pelotões sob o comando do capitão Gonçalves, encarregados de uma missão de "limpesa", isto é, queimar todas as povoações de nativos que encontrássemos e fuzilar os seus habitantes - homens, mulheres e crianças.

Chegados à povoação de Ana Beafada, que fica a 8 Kms. de Fulacunda, verificamos que a população tinha fugido para o mato, quando deu pela aproximação da tropa. Na sua fuga precipitada, não tiveram tempo de levar consigo uma pobre velha doente e cega que fo-



mos encontrar dentro de uma palhota. Ao pressentir a aproximação da tropa, a infeliz perguntou, talvez julgando tratar-se dos seus familiares:

- Quem está aí?

A resposta foi brutal:

- Nós já te dizemos quem está aqui!

Quase de rastos, dois soldados conduziram-na à presença do capitão (deixo aqui o nome inteiro desse canalha - Luis Soares dos Reis Gonçalves - para que um dia responda em tribunal por crimes de guerra):

- Meu capitão, encontramos esta velha dentro de uma palhota. Que é que lhe fazemos?

- Matem-na! - foi a resposta seca do assassino.

Arrastaram a pobre velha para um pouco mais longe (cerca de 50 metros), e um soldado despejou-lhe uma rajada de G 3 na cabeça.

Nesse momento não sei explicar o que senti: talvez raiva, talvez desespero, talvez tristeza. Olhei para os meus camaradas e vi lágrimas nos olhos de alguns deles. Durante alguns minutos ninguém proferiu palavra, e estávamos todos como que colados ao terreno. A visão da pobre cega com o crânio desfeito não me saiu da memória durante muitos e muitos dias, e ainda hoje que penso nisso, sinto o sangue ferver dentro de mim.

o o o

Este foi apenas um dos casos a que assisti. Podia contar outros. Mas isso dói-me cá dentro. Uma dor não só de mim, mas de todos.

Hoje estou em condições de poder falar bem alto e dizer abertamente quanto detesto o regime fascista de Salazar e a sua vergonhosa guerra colonial.

E quando penso nos outros soldados como eu, que são obrigados a entrar nestas guerras, eu só penso nisto e tenho vontade de gritar: Desertai para serdes homens livres!









F. P. L. N.

13 rue Auber

Alger

ALGÉRIE

